



DEUS É FIEL

DANIEL 1

INTRODUÇÃO

O livro de Daniel é um dos mais fascinantes escritos da Bíblia e foi escrito em dois idiomas, parte em aramaico, o idioma oficial do império babilônico, e parte em hebraico, o idioma do povo de Israel. Os capítulos 1 e 8 a 12 estão em hebraico e 2 a 7 em aramaico.

Ele é considerado o “Apocalipse do Antigo Testamento”.

As profecias apocalípticas têm algumas diferenças com as profecias clássicas, como veremos mais tarde. Daniel é apocalíptico, porque ao contrário dos outros profetas do Antigo Testamento, que são chamados de “profetas clássicos”: ele recebeu suas visões em linguagem simbólica, e precisava de um anjo intérprete para entender esses símbolos, e as suas profecias não são apenas de curto prazo para serem cumpridas em Israel ou de países vizinhos, mas a longo prazo, com ênfase no tempo final, palco cósmico, que envolve o destino de todas as nações e até mesmo o mundo

angélico. Tudo isso lembra o gênero literário de Daniel e o Apocalipse de João, no NT (Novo Testamento). Foi o nome deste último que levou teólogos a denominar este gênero como “apocalíptico”.

A importância do estudo do livro de Daniel é vital para ter uma geração forte de cristãos adventistas. Uma das consequências de enfraquecimento da geração moderna, é o rechaço da “firme palavra de profecia” de Daniel e Apocalipse que gera confusão e angústia do povo (Luc. 21.25-26) para as pseudos-profecias que aparecem de tempos em tempos anunciando um desastre terrestre ou celeste, ou o fim do mundo em momentos diferentes.

É interessante notar que, muitas “previsões” do dia do juízo final ou catástrofe anunciada por vários “adivinhos” antigos e modernos não foram cumpridas. Mas, as profecias apocalípticas de Daniel foram realizadas de forma matemática para mais de 2.500 anos e tem muito a dizer sobre o fim do mundo e o início de um mundo eterno.

Por outro lado, é curioso que os “videntes” modernos têm muitos elementos em comum com os “videntes” de Babilônia, e curiosamente, eles também falharam no passado¹. Por fim, as tentativas genuínas de interpretar as profecias de Daniel dentro do Cristianismo também nos alertam sobre colocar datas exatas para o fim do mundo. Tudo isso ressalta a importância do conflito que opôs Daniel na Babilônia histórica com os falsos profetas, e a validade de uma nova Babilônia com os falsos profetas modernos que violam as deslumbrantes profecias de Daniel.

Podemos afirmar que esse livro tão especial é a chave da interpretação profética do livro de Apocalipse do Novo

1 Ver nosso comentário dos capítulos 2, 4 e 5 de Daniel.

Testamento, onde história e profecia se misturam para confirmar a soberania divina na história humana.

O cenário é o cativeiro babilônico do povo de Israel que ocorreu em 605 a.C., onde Daniel e seus amigos são protagonistas de histórias fascinantes que revelam como Deus dirige a história do seu povo. Um estadista que recebe um chamado para ser o porta voz de Deus, Daniel revela profecias que revelam em detalhes a história de reinos e nações marca com precisão a vinda e morte do Messias.

E este incrível livro começa com uma história marcante, que revela o cuidado de Deus para Seu povo, os jovens e para cada um de nós individualmente.

A história de Daniel também tem algumas semelhanças com a história de José. É interessante a relação entre José no Egito com Daniel em Babilônia. Ambos chegaram ao exílio sem merecer, os dois receberam sonhos proféticos da parte de Deus e sabedoria para interpretar os sonhos de outros; os dois interpretaram corretamente o sonho do Faraó/rei em meio ao fracasso dos sábios de governo; ambos aconselharam ao monarca e os dois monarcas recompensaram aos jovens e lhes outorgaram postos importantes no reino. O segundo sonho de Nabucodonosor anunciava sete anos de demência e o sonho de Faraó sete anos de prosperidade e outros sete de fome, etc. É interessante que Faraó disse a José: “ninguém há tão entendido e sábio como tu” (Gên. 41.39), e Nabucodonosor respeitou a Daniel e a seus amigos “os achou dez vezes mais doutos do que todos os magos e encantadores que havia em todo o seu reino” (Dan. 1.20). Mas as diferenças são também significativas, José primeiro recebeu sonhos proféticos próprios da parte de Deus e finalmente se transformou em intérprete de sonhos. Por sua vez, Daniel primeiro foi intérprete de sonhos e finalmente

recebeu sonhos proféticos próprios. A história de ambos os sábios serve de parênteses à história do povo de Deus, José quando estava em formação e Daniel depois do colapso dele. Ambos os sábios estão relacionados com um período de cativeiro e um êxodo².

I. O CUIDADO DE DEUS POR SEU POVO. (DANIEL 1:1-2)

- A. Era o ano de 605. Nabucodonosor havia destruído a cidade-fortaleza egípcia de Carquemis, que ficava ao norte de Jerusalém. Judá tinha um acordo com o Egito e Nabucodonosor vem para desfazer este acordo e colocar a Nação sob o controle da Babilônia. Nabucodonosor conquistou Judá três vezes, a primeira vez foi com Jeoaquim em 605. Quando levados cativos para a Babilônia entre os jovens príncipes estava Daniel. A segunda vez foi no reinado de Joaquim, em 597 e levou os trabalhadores, sacerdotes e soldados prisioneiros, entre eles estava Ezequiel, um sacerdote que se tornou um profeta em cativeiro, e, finalmente, em 587, quando apenas alguns sobreviventes fugiram para o Egito, incluindo o profeta Jeremias. Daniel foi contemporâneo com os profetas Jeremias que sempre teve seu ministério em Judá, e Ezequiel que teve seu ministério na Babilônia para com os judeus prisioneiros de lá.
- B. O grande rei poderia imaginar que foi sua força e sua inteligência que haviam lhe garantido a vitória, Deus, porém em Sua sabedoria e providência já havia predito a conquista dos Caldeus.

2 Para uma análise detalhada destes conceitos véase: Funlola Olojede, "Sapiential Elements in the Joseph and Daniel Narratives vis-à-vis Woman Wisdom – Conjunctions and Disjunctions", *Old Testament Essays*, OTE, (South Africa: Stellenbosch, 2012), Vol.25, Núm.2: 351-368.

2 Reis 24:2-3 “O Senhor enviou contra ele tropas babilônicas, aramaicas, moabitas e amonitas para destruir Judá, de acordo com a palavra do Senhor proclamada por seus servos, os profetas. 3 Isso aconteceu a Judá conforme a ordem do Senhor, a fim de removê-los da sua presença, por causa de todos os pecados que Manassés cometeu, 4 inclusive o derramamento de sangue inocente. Pois ele havia enchido Jerusalém de sangue inocente, e o Senhor não o quis perdoar.”

- C. Tudo havia acontecido por causa da desobediência do povo para com Deus. Embora ele houvesse lhes enviado advertências através de Seus profetas, o povo se rebelou contra elas. Havia cometido também todo o tipo de impiedade, e o tempo da justiça de Deus havia chegado. A justiça, porém, veio com misericórdia. Deus preservou Nabucodonosor de destruir completamente a cidade nesta ocasião. Apenas os jovens mais notáveis do povo foram levados cativos para a Babilônia. O próprio rei cuidaria deles na Metrópole pagã, e os mais inteligentes serviriam ao governo babilônico como funcionários e líderes.
- D. Desobediência a Deus sempre nos traz más consequências. “Não se deixem enganar: de Deus não se zomba. Pois o que o homem semear, isso também colherá.” Gal 6:7. Deus está ainda hoje apelando a nós através de sua palavra, de seus ministros, das circunstâncias para que deixemos os caminhos de desobediência e voltemos a ele. Ele suplica que o busquemos. Mas avisa que andar por maus caminhos acarreta tristes resultados.

O Senhor, porém, não se alegra com o castigo de seu povo. Dize-lhes: Vivo eu, diz o Senhor DEUS, que não tenho prazer na morte do ímpio, mas em que o ímpio se converta do seu caminho, e viva. Convertedei-vos, converteí-vos dos vossos maus caminhos; pois, por que razão morrereis, ó casa de Israel? Ezequiel 33:11-12

II – O CUIDADO DE DEUS PELOS JOVENS. (DANIEL 1:3-5)

- A. Nabucodonosor teve de voltar rapidamente quando terminou o cerco sobre Jerusalém. Seu pai Nebopolassar havia morrido, e ele teve que voltar a Babilônia para assumir o trono. Partiu com uma guarda de elite de poucos homens e pegou o caminho do deserto, mais perigoso e difícil, porém mais curto. Pessoalmente deixou ordens para que jovens cultos e inteligentes fossem levados para a Babilônia para que fossem treinados e testados. Os mais aptos iriam agora servir ao Império Babilônico, o mais poderoso do mundo no seu tempo. Estes jovens não eram escravos como no Egito, ao contrário seriam bem tratados e estariam nas melhores Universidades da Babilônia. Ali seriam preparados e estudariam toda a ciência do Império. Seriam expostos a todo tipo de influência maligna e perturbadora de sua religião e cultura. Seriam tentados e provados a desistir de seu Deus e suas convicções. Semelhante aos jovens de hoje que vão para as faculdades e universidades seculares, eles teriam de provar para Deus, para seus algozes e para si mesmos que poderiam vencer sob o poder de Deus e sua firme vontade.
- B. Deus já havia preparado para eles Suas bênçãos. A todo o que permanecesse fiel, Deus também manteria Sua

proteção e cuidado. Mais tarde isto foi confirmado pela preservação dos três jovens amigos de Daniel, Misael, Ananias e Azarias, quando em severa provação na fornalha de fogo ardente.

- C. Ainda hoje Deus tem fortes promessas para os jovens.

“Eu vos escrevi, jovens, porque sois fortes, e a palavra de Deus está em vós, e já vencestes o maligno. Não ameís o mundo, nem o que no mundo há. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele” (1 João 2:14 e 15).

“Ninguém despreze a tua mocidade; mas sê o exemplo dos fiéis, na palavra, no trato, no amor, no espírito, na fé, na pureza” (1 Timóteo 4:12).

“O Senhor designou a juventude para ser Sua mão ajudadora.” (Testimonies for the Church 7:64. MJ, 5).

“Com tal exército de obreiros como o que poderia fornecer a nossa juventude devidamente preparada, quão depressa a mensagem de um Salvador crucificado, ressuscitado e prestes a vir poderia ser levada ao mundo todo!” (Educação, 271).

- D. No Centro de Atendimento ao aluno, José Sérgio Miranda, aluno do curso de direito expos sua situação. Ele estudava à noite e, portanto, não frequentava as aulas às sextas-feiras. E durante o segundo, o quarto e o quinto ano ele tem aulas aos sábados pela manhã também, o que agravou mais ainda a situação. Ele então foi atrás de alguém que pudesse resolver seu problema. A resposta da diretora do curso foi enfática: procure outra faculdade. Com isso, ele foi reprovado 3 vezes: duas no 4º ano e uma no 5º ano. “Eu não posso negar que muitas vezes eu questioneei a Deus por encontrar amigos meus da fa-

culdade já cursando pós-graduação, mestrado e alguns estavam até dando aula, e eles se espantavam ao saber que eu ainda não tinha nem concluído a faculdade. Eu lembro até que um professor uma vez me encontrou na sala de novo e olhando disse: Você de novo olha só, mais um prejuízo financeiro. Vale a pena isso daí?” Ele ficava triste muitas vezes com esses argumentos, mal sabia Sérgio que Deus tinha bênçãos gigantescas preparadas para ele. Após a terceira reprovação procurou novamente a diretora do curso. Dessa vez a diretora se propôs a ajudar. Ela criou uma turma especial fora do horário de aula para quem tinha problemas com sábado, e só faltava essa matéria e apresentação da monografia e seu curso estaria concluído. Ela ainda se propôs a ser a orientadora na monografia. Era a oportunidade de mostrar para ela que os seus princípios nunca interferiram no seu aprendizado. Com a graça de Deus, ele tirou a nota máxima na monografia, o que deixou a diretora muito feliz. Deus começava a mostrar seu poder aos que lhe são fiéis. No dia seguinte ele ligou para a secretaria do curso para marcar a colação de grau. “Quando eu falei meu nome para a secretária do curso, ela perguntou: você que é o José Sérgio? Meus parabéns pela sua monografia, ela foi muito comentada aqui. Você sabe o que vai constar no seu histórico escolar por conta disso? Eu falei não, e ela respondeu: vai constar ‘Aprovado com distinção’. Sérgio não conteve as lágrimas. De um momento para outro Deus fez com que os três anos a mais que passou na faculdade não fizessem a menor diferença, como se não bastasse, no dia da formatura com o anfiteatro da faculdade lotado de parentes e amigos de três turmas de formandos, no momento solene do Jramento, a professora disse:

“Para fazer juramento com a turma eu, gostaria de chamar aqui à frente um aluno especial. Ele levou 8 anos para se formar nesse curso, tudo porque tinha dois amores o direito e a religião. E vista com todos presentes ela explicou o porquê de ele não frequentar às aulas às sextas-feiras à noite e aos sábados e ainda disse que isso não o impediu de concluir seu curso com distinção”. Vale a pena ser fiel a Deus.

Se hoje formos fiéis ao nosso Deus, Ele ainda promete proteção e bênçãos sem medida.

III – O CUIDADO DE DEUS POR CADA UM INDIVIDUALMENTE (DANIEL 1:8, 9)

- A. O jovem Daniel teve uma dura viagem até Babilônia. Percorrendo cerca de 25 a 30 km por dia sua viagem deve ter durado mais de 2 meses. O sol escaldante do Oriente Médio obrigava a longa caravana a despertar antes ainda do sol nascer, e o viajor cativo obtinha alimento apenas o suficiente para manter a marcha constante. É possível que após um longo dia de viagem, cansado e reflexivo, o jovem Daniel tenha se deitado e olhado o claro céu coalhado de estrelas. Pensando em seus pais e no que lhe ensinaram, lembrando das advertências do idoso profeta Jeremias, ele fez como José tantos anos antes e jurou fidelidade ao Deus de seus pais e de sua nação. Ali prometeu ele não se desviar nem para direita nem para a esquerda de tudo o que havia aprendido. Na prosperidade e na adversidade honraria a Deus, seria tão fiel ao princípio como o aço.
- B. A corte babilônica era de enorme magnificência em comparação com a relativa simplicidade de seus lares. O desejo do poderoso rei não era forçar os jovens a aban-

donarem sua religião, mas alcançar isto gradualmente, expondo-lhes ao contato da suposta cultura superior da magnífica Babilônia.

- C. Já em seus primeiros dias Daniel se viu forçado a tomar uma importante decisão. Aos jovens hebreus foi oferecida a melhor alimentação do império. Carnes e iguarias regadas a muito vinho real. Era a comida do próprio rei. Mas Daniel sabia que aqueles alimentos eram oferecidos a ídolos, e participar deles era como participar da própria idolatria babilônica. Ali Daniel tomou a firme decisão de não se contaminar com o manjar real. Daniel poderia ter oferecido uma série de desculpas para comer aquele alimento. Poderia ter raciocinado que estava em condições em que não havia opções, que ele era obrigado. Que Deus não exigiria tão firme obediência em tais circunstâncias e que para que pudesse testemunha melhor seria melhor não criar caso. Mas o jovem pôs-se ao lado do certo, e assumiu as responsabilidades por sua decisão. Educada e discretamente procuraram Aspenaz, o encarregado real e expuseram o caso. Queriam apenas vegetais e água para alimento. Temendo que os jovens se enfraquecessem, o eunuco a princípio recusou a proposta, mas Daniel e seus amigos ofereceram uma nova opção, fariam um teste de dez dias e ao final se veriam os resultados. Com a concordância de Aspenaz, Daniel sabia que havia ganho a batalha.
- D. Se ele tivesse se curvado as circunstâncias neste primeiro teste de sua fidelidade, sua força moral teria esmorecido, e mais fraco estaria para outras provas. Embora Daniel tenha feito sua parte, o texto bíblico é claro em dizer que Deus já havia movido o coração do chefe dos eunucos (v. 9). Deus sempre se propõe a nos abençoar e

proteger. Mas ele pede de nós fidelidade aquilo que conhecemos e aprendemos.

CONCLUSÃO

Deus ainda cuida de seu povo. Ele se preocupa e mesmo na repreensão, pois “o Senhor repreende a castiga a quantos ama”, ainda derrama misericórdia sobre nós.

Deus ainda está disposto a mover o coração de quem for preciso para proteger seus jovens, um poderoso exército que Ele chama para a luta contra o mal. Ele sabe do seu potencial e de como os jovens podem fazer a diferença em um mundo asqueroso e frio.

Finalmente, Deus quer cuidar de você, ele deseja derramar sobre a sua vida bênçãos sem limite. Ele quer lhe abrir as portas do trabalho, da faculdade. Quer proteger sua família, seus filhos e netos. Quer que você se torne cabeça e não cauda (Deut. 28:13).

Mas para que tudo isto aconteça e Deus lhe mostre a fidelidade de suas promessas, ele deseja que você se comprometa com a verdade. Que você decida ser também fiel a ele em tudo o que você conhece e o que ainda vai conhecer. Embora gracioso e que se propõe a nossa frente, Deus não pode conceder todas as bênçãos que deseja a quem lhe fecha as portas do coração e se nega a obedecer aos mandados conhecidos.

Seja na faculdade, no trabalho, na escola, na vizinhança, Deus nos chama e ser Seus representante, servos fiéis e valerosos. A ser diferentes e fazer a diferença.

“Se hoje ouvirdes a Sua voz não endureçais o vosso coração” (Heb. 3:15) é o apelo do Senhor neste dia (noite). Quem se propõe a ser fiel a Deus e receber as Suas bênçãos?



DEUS TEM PLANOS PARA VOCÊ

DANIEL 2

INTRODUÇÃO

Passada a primeira grande provação Daniel e seus três amigos passaram a trabalhar para o Grande Império Babilônico. Esta foi a oportunidade que Deus viu para que Seu nome fosse testemunhado diante do poderoso Rei e de toda a Nação.

A história que se passa no segundo capítulo de Daniel apresenta uma profecia que é a chave para a compreensão das outras profecias, não só de Daniel mas também de seu irmão Apocalipse.

Ela também expressa uma profunda mensagem para a minha e a sua vida, sobre o cuidado de Deus por nós e nosso futuro.

I. O SONHO DO REI (DANIEL 2:1-12).

A. Em certa manhã, Nabucodonosor acordou bastante ansioso. Havia tido um sonho, sentia que era importante,

mas não se lembrava o que era. O Rei imediatamente mandou chamar os sábios do reino, magos astrólogos genericamente chamados de Caldeus. Era importante para o rei lembrar-se do sonho, porque ele dormiu preocupado por saber “o que ocorreria no futuro” (Dan. 2.29), e cria que o sonho era a resposta dos deuses. Mas, além disso, havia um oráculo babilônico que dizia: “Se um homem não pode lembrar-se de um sonho que ele viu [significa]: que seu deus [pessoal] está aborrecido com ele¹”. Este indício de aborrecimento da deidade significava “uma das maiores tragédias na vida dos mesopotâmicos. O qual implicava em enfermidade, má sorte e inclusive a morte para o abandonado” ². Nabucodonosor estava inquieto sobre o futuro do seu grande império.

- B. A proposta de Nabucodonosor era certa, mas desafiadora. Desejava o rei que os magos lhe revelassem seu sonho e em seguida lhe explicassem o significado do mesmo. Os magos, astrólogos, encantadores e caldeus eram os conselheiros do rei, eles estudavam todas as ciências conhecidas, mas, além disso, aprendiam adivinhação, feitiçaria e todas as ciências esotéricas, muitas das quais tiveram sua origem na Babilônia. Desde a perspectiva bíblica todas estas práticas são enganosas, porque é impossível para qualquer criatura humana ou angelical conhecer o futuro, categoricamente o profeta Isaías disse que só Deus conhece o futuro:

“Assim diz o Senhor, Rei de Israel, seu Redentor, o Senhor dos exércitos: Eu sou o primeiro, e eu sou o último, e fora de mim não há Deus. Quem há como eu? Que o

1 Merling Alomía, Daniel: el varón muy amado de Dios, (Universidad Peruana Unión: Ediciones Theológica, 3º ed. 2010), I: 79.

2 Ibide.

proclame e o exponha perante mim! Quem tem anunciado desde os tempos antigos as coisas vindouras? Que nos anuncie as que ainda hão de vir. Não vos assombreis, nem temais; porventura não lhes declarei há muito tempo, e não vos o anunciei? Vós sois as minhas testemunhas! Acaso há outro Deus além de mim? Não, não há Rocha; não conheço nenhuma”(Isa. 44.6-8).

Isaías profetiza a derrota dos deuses de Babilônia, Bel e Nebo, e afirma que Jeová é o único Deus porque só Ele pode predizer o futuro. É interessante que Isaías revele também uma das modalidades que usa Deus para conhecer o futuro, isto é, desenvolver seus planos e cumprir sua vontade, não existindo nada nem ninguém que possa impedir seu cumprimento. Bel se encurva, Nebo se abaixa; os seus ídolos são postos sobre os animais, sobre as bestas; essas cargas que costumáveis levar são pesadas para as bestas já cansadas. . . Lembrai-vos das coisas passadas desde a antiguidade; que eu sou Deus, e não há outro; eu sou Deus, e não há outro semelhante a mim; que anuncio o fim desde o princípio, e desde a antiguidade as coisas que ainda não sucederam; que digo: O meu conselho subsistirá, e farei toda a minha vontade; chamando do oriente uma ave de rapina, e dum país remoto o homem do meu conselho; sim, eu o disse, e eu o cumprirei; formei esse propósito, e também o executarei (Isa.46:1, 9-11). Este conflito entre o Deus verdadeiro e os ídolos é constante nos profetas, em Daniel temos um conflito militar e espiritual entre a verdadeira e a falsa adoração, no sonho do rei deste capítulo, “Deus lhe retrata aos futuros impérios mundiais por meio de um ídolo [a imagem] ..., para o rei pagão, as nações do mundo eram as luminosas e brilhantes contrapartes dos deuses que eles adoravam”.

C. Os magos se puseram em polvorosa. Como poderiam adivinhar o que o rei havia visto em suas visões da noite? Mas o rei estava convicto do que pedia. Entendeu o soberano que este deveria ser um teste sobre a sapiência de seus conselheiros. Propôs então que se pudessem dar as respostas que desejava, lhes premiaria com riquezas e honras, mas caso não obtivesse a resposta desejada, todos seriam mortos e sua herança devorada. A ameaça não era incomum naqueles dias, embora fosse arriscada, já que os magos compunham a classe alta e culta da Babilônia. Os caldeus tentaram argumentar com o rei que o que pedia nunca antes havia sido exigido antes, e que a resposta que o rei desejava só os deuses poderiam dar, e eles não estavam entre os homens. Diante da resposta dos Caldeus o rei de imediato decretou a morte de todos os seus sábios. Quando a Palavra de Deus afirma que somente Deus conhece o futuro, significa que Satanás e ainda os anjos leais estão limitados neste sentido. A onisapiência é um atributo exclusivo de Deus. Satanás unicamente pode especular acerca do futuro, claro que com muitas vantagens em relação a nós já que ele conhece o procedimento humano por mais de 6000 anos e sabe mais de leis físicas e espirituais que nós. Por tanto, os adivinhos, bruxos, feiticeiros, etc. são expertos enganadores, especuladores e/ou médiuns de Satanás, que podem por revelação do inimigo conhecer nosso passado e nosso presente em forma exaustiva, mas, não o futuro, o futuro cada um de nós decidimos. Deus nos criou com liberdade de escolher inclusive contrário à sua vontade. É claro que Deus conhece o futuro melhor que nós porque ele conhece todas as circunstâncias que virá e pode planificar coisas que ninguém pode impedir. Por estes motivos quem consulta a um adivinho se aproxima do inimigo de Deus e Deus proíbe e condena tais práticas

II. A FÉ DE DANIEL (DANIEL 2:8-18).

- A. Assim que o decreto foi feito, todos os sábios da corte foram visitados e avisados do decreto imperial. Daniel estava entre estes. Com muito tato e educação ele perguntou a Arioque qual a razão de tanta pressa no cumprimento do decreto. Depois da explicação Daniel se apressou a procurar o próprio Rei. Solicitou-lhe um tempo para que pudesse dar ao Rei o que desejava, ao que Nabucodonosor acabou concordando. Incontinenti voltou aos seus aposentos e contou aos seus três amigos toda a história e o risco que estavam correndo. Buscaram então Aquele que não abandona seus filhos. Oram fervorosamente ao Senhor, o único que poderia socorrê-los neste momento de grave necessidade.
- B. Daniel manteve o tato e a diplomacia em todas as difíceis situações de sua vida. Esta é uma importante lição para nós. Precisamos sempre tratar a todos com respeito e deferência, mesmo quando estamos em busca de nossos direitos. Estar correto não me exime da responsabilidade de ser sempre educados e amistosos.
- C. Outro ensinamento que podemos exaurir desta porção da história é a de sermos proativos. Agir, buscar a resolução de problemas e não apenas orar. Devemos orar e agir. Deus pode ressuscitar o morto, mas, como na história de Lázaro, nós precisamos remover a pedra. Deus não fará por você o que você mesmo pode fazer.
- D. A fé de Daniel foi recompensada e naquela noite foi-lhe revelado o mistério de Nabucodonosor. Ao acordar pela manhã o jovem fez uma bela oração de agradecimento e uma declaração de fé, que pode ser lida em Daniel 2:20-23

Falou Daniel, dizendo: Seja bendito o nome de Deus de eternidade a eternidade, porque dele são a sabedoria e a força; E ele muda os tempos e as estações; ele remove os reis e estabelece os reis; ele dá sabedoria aos sábios e conhecimento aos entendidos. Ele revela o profundo e o escondido; conhece o que está em trevas, e com ele mora a luz. Ó Deus de meus pais, eu te dou graças e te louvo, porque me deste sabedoria e força; e agora me fizeste saber o que te pedimos, porque nos fizeste saber este assunto do rei.

III. A INTERPRETAÇÃO DO SONHO (DANIEL 2:31-47).

- A. Daniel procurou então Arioque que o pôs novamente diante do rei. Nabucodonosor perguntou ao jovem se era aquele que poderia dar-lhe a interpretação e a revelação que tanto queria. Neste momento o jovem mostrou seu caráter. Ao invés de buscar glórias e honras para si, ou de mostrar superioridade diante dos outros sábios do Rei, Daniel deu ao Deus dos Céus toda a honra e glória.

“Respondeu Daniel na presença do rei, dizendo: O segredo que o rei requer, nem sábios, nem astrólogos, nem magos, nem adivinhos o podem declarar ao rei; Mas há um Deus no céu, o qual revela os mistérios; ele, pois, fez saber ao rei Nabucodonosor o que há de acontecer nos últimos dias...” (Daniel 2:27,28),

O sonho era na verdade a revelação do futuro da história da humanidade, desde os dias de Nabucodonosor até a implantação do Reino Eterno do Senhor.

1. A Cabeça de ouro era a representação do próprio reino de Nabucodonosor, por isto Daniel afirma ao Rei:

Tu és a cabeça de Ouro. Em esplendor e magnificência não existiria outro depois. A cidade de Babilônia era a glória do império Neobabilônico e nos tempos de Nabucodonosor alcançou seu apogeu. O período de domínio foi de 612 a.C a 539 a.C.

2. O peito e os braços de prata eram o símbolo do próximo Império Mundial, o Medo-Persa. Dois povos que unidos derrotaram a Babilônia e tornaram-se a nova superpotência. Seu domínio durou de 539 a.C a 331 a.C.
 3. Os quadris de bronze são o símbolo do Império Grego que derrotou os Persas e estendeu seu domínio com Alexandre Magno a quase todo o mundo conhecido. Sua soberania foi de 331 a 164 a.C.
 4. O quarto império representado pelas pernas de ferro seria forte como o ferro. Poderoso e forte, implacável é o símbolo do império Romano. O que durou por mais tempo, quase 500 anos, Roma dominou o mundo de 168 a.C até 476 d.C.
- E. Os pés da estátua com seus artelhos de barro e ferro representam os reinos bárbaros que substituíram o poderoso império Romano, com nações fortes e fracas que iriam subsistir no mundo até o último império. Estes reinos tentariam se unir por casamentos, mas não conseguiriam. As nações europeias buscaram formar alianças por meio de casamentos reais, mas as tentativas fracassaram na esteira da profecia. Diversos governantes como Carlos Magno, Napoleão Bonaparte, Kaiser Wilhem e Adolf Hitler desejaram refazer o império Romano e governar sob uma Europa unida porem mais uma vez fracassaram.

F. Deus que conhece o futuro e estabelece reis e reinos. Desde o princípio anunciei o futuro, desde a antiguidade, aquilo que ainda não acontecera. Eu afirmo: O meu propósito será realizado, certamente farei tudo o que me apraz. Isaías 46:10. Este mesmo estabeleceu pela sua sabedoria e poder um tempo em que Ele vira estabelecer seu próprio domínio sobre este planeta. A pedra lançada sem auxílio de mãos humanas revela o último ato divino na história humana. Deus demoverá todo o poder humano e estabelecerá Seu próprio reino de paz e harmonia.

CONCLUSÃO

Este mesmo Deus conhece a tua vida e tem um plano para você.

“Eis que estou à porta e bato: se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele comigo” (Apocalipse 3:20).

“Pois eu bem sei os planos que estou projetando para vós, diz o Senhor; planos de paz, e não de mal, para vos dar um futuro e uma esperança. Então me invocareis, e ireis e orareis a mim, e eu vos ouvirei. Buscar-me-eis, e me achareis, quando me buscardes de todo o vosso coração” (Jeremias 29:11-13).

Deus tem um plano para você, porém depende de você a realização deste plano em sua vida. O Senhor bate à porta do seu coração, ele não força. Espera que você graciosamente possa permitir sua entrada em seu coração e mente.

Quem hoje irá se entregar a este Deus? Quem permitirá que o Senhor realize em sua vida seus planos?



DEUS EM PRIMEIRO LUGAR

DANIEL 3

INTRODUÇÃO

A grande Babilônia era conhecida como a Cidade Santa. A religião era o motivo central da vida na grande metrópole. 43 templos povoam os quatro distritos, sendo que 13 estavam no bairro sagrado de Eridu.

A incrível porta de Ishtar dava entrada a não menos magnífica Avenida chamada Procissão, por causa do uso religioso que se fazia de suas ruas. Esta avenida de 900 metros de extensão e 26 metros de largura, servia principalmente para procissões ao grande senhor da cidade, o deus Marduk, e terminava no coração da cidade, no Zigurate onde se encontrava o Templo deste deus.

O conjunto de templos de Marduk ficava no centro da cidade, considerado pelos babilônios o próprio centro do mundo. O templo propriamente dito era conhecido como Etemananki e fora construído sobre as ruínas da Torre de Babel. Este possuía entre 60 e 90 metros de altura, o que corresponde hoje a um edifício com 30 andares. Deve ter

sido uma visão extraordinária para Daniel e seus três companheiros quando se aproximaram da cidade que fica em uma grande planície, o que permitia a vista da torre a dezenas de quilômetros de distância.

Milhares de pessoas trabalhavam nos diversos setores dos templos da Babilônia e a casta mais poderosa da cidade era a dos sacerdotes. Babilônia respirava a religião, o politeísmo, na verdade a falsa religião. O calendário religioso estava repleto de festas mensais e algumas anuais, onde até do próprio era exigida a presença.

Babilônia era o centro do falso culto, desde a rebelião de Ninrode, construtor da torre de Babel e considerado seu fundador. Ali a rebelião a Deus teve início no Novo Mundo pós-Dilúvio. Alguns historiadores entendem que Ninrode e sua esposa tornaram-se símbolos de todas as divindades com consortes do mundo antigo. Enfim, Babilônia era a sede da religião de Babel, de rebeldia e idolatria.

Hoje vamos ver como 3 jovens corajosos decidiram não se dobrar aquela atraente religião, mas permanecer fiel colocando a Deus em primeiro lugar.

I. A LOUCURA DE NABUCODONOSOR (DANIEL 3:1-7).

A. Depois da incrível visão da estátua que o sábio Daniel havia interpretado, Nabucodonosor havia retornado ao politeísmo idólatra. A interpretação de que ele era a cabeça de ouro, no entanto, havia mexido com seu orgulho. Aproveitando a arrogância natural do monarca, seus conselheiros lhe sugeriram que construísse a estátua de seu sonho. O rei acatou a ideia, mas decidiu fazê-la toda de ouro como um símbolo da Babilônia, que ele pensava seria eterna.

- B. O tamanho da estátua também era simbólico, ela possuía 60 côvados por 6 côvados. Os babilônios tinham uma extensa numerologia, onde cada deus era representado por um número. 60 era o número do seu deus líder Anu. Anu era o deus que havia dado o trono a Marduk na mitologia suméria. Já o 6 representava o menor dos deuses. Logo, a estatua de ouro era a idolatria completa da Babilônia representada em um único objeto.
- C. Não satisfeito, Nabucodonosor marcou uma grande festividade religiosa em que sua estátua seria oficialmente inaugurada. A festa deveria contar com bastante música e seriam convidados todos os líderes do grande império. O intento do rei era estabelecer e confirmar a lealdade de todo o império diante da estátua que representava seu poder, seu reino, sua glória e majestade. Ninguém deveria ficar de fora deste grande evento e todos deveriam mostrar lealdade. No dia marcado estavam lá toda a alta casta do império. Governadores, ministros, prefeitos e tesoureiros de todas as partes do mundo reunidos para louvar a grande estátua de Nabucodonosor. Os arautos então proclamaram as regras: a orquestra/banda iria tocar seus acordes, e quando parasse, todos, sem exceção deveriam se ajoelhar em sinal de respeito e adoração diante da magnífica escultura.
- D. Como Nabucodonosor, muitos de nós também acabamos esquecendo do que Deus tem feito em nossa vida e nos desviamos de seus caminhos somente para buscar prazeres terrenos, mais dinheiro, mais fama, mais divertimentos ou qualquer outra coisa que satisfaça nossos desejos humanos. Colocamos estas coisas acima de Deus. No entanto, no trono do viver só pode haver um Senhor. Ou amamos a Deus ou amamos o dinheiro, o po-

der, a fama, os prazeres da carne, a diversão ou qualquer outra coisa que coloquemos a Sua frente. Permita que Deus governe a sua vida.

II. A FIDELIDADE DOS 3 AMIGOS (DANIEL 3:8-18).

- A. A esplêndida imagem de 35 metros de altura estava ali diante de todos os homens mais importantes da nação. Apenas estar ali já seria considerado uma honra. Ao lado da estátua subia o fumo negro de uma fornalha que estava lá para lembrar que a ordem do rei não era brincadeira. Quem estivesse disposto a não obedecer pagaria com a própria vida.
- B. De frente a ela três jovens refletiam sobre como proceder em mais um teste de sua fé. Eles sabiam que não poderiam se curvar diante da gigantesca estátua sem o risco de quebrar um sagrado mandamento aprendido desde a infância: “Não farás para ti imagem de escultura, não te encurvarás a elas nem as servirás” (Ex. 20:4-5) eram as palavras que vinham a sua mente. E decidiram serem fiéis em qualquer circunstância. Quando a banda tocou todos se levantaram em respeito. A música soou alto e finalmente quando parou a multidão se inclinou reverentemente diante do ídolo de ouro maciço. Como era uma planície, não deve ter sido difícil perceber três jovens em pé em meio a todo o ajuntamento que se curvou.
- C. Nabucodonosor a princípio não percebeu o fato e se alegra com o fato de todos os seus líderes lhe prestarem reverência e glória. Mas os caldeus, que invejavam aqueles estrangeiros que já em outras oportunidades haviam lhes roubado a glória, perceberam ser este o momento oportuno para dar fim aos seus adversários. Imediatamente procuraram Nabucodonosor para informar que

três jovens hebreus não haviam se curvado, mostrando desrespeito e rebeldia. Incontinenti foram Sadraque, Mesaque e Abedenego trazidos a frente do déspota para dar explicações. O rei enfurecido questionou a razão deste ato de rebeldia e propôs-lhes uma chance mais, se após a música eles não se prostrassem diante do ídolo, seriam lançados na fornalha de fogo ardente. Para complementar sua ameaça Nabucodonosor disse que ali estava a fornalha, ele era o mais poderoso homem da terra e nenhum deus poderia livrá-los de suas mãos. Impassíveis os três rapazes educadamente responderam ao rei que neste caso não haveria necessidade de negociação. Eles não se curvavam diante da estátua-ídolo de Nabucodonosor. Também informaram ao rei que o seu Deus tinha poder para os livrar de suas mãos, mas se Deus não o fizesse, pereceriam, mas não se curvavam de maneira nenhuma. O poderoso monarca nunca havia sido desafiado desta maneira. Com ódio no olhar ordenou imediatamente que fossem jogados os três dentro da grande fornalha de fogo ardente.

- D. A resposta de fé destes jovens é admirável. Eles não tinham certeza de que Deus os livraria das mãos de Nabucodonosor, mas ainda assim se propuseram a fazer o que acreditavam ser correto. Não temiam o dever mesmo em face da morte.
- E. Como eles, muitos outros cristãos foram perseguidos e desafiados por homens poderosos ao longo da história. Muitos foram libertos e salvos por Deus como um testemunho de Seu poder. Mas outros milhares pereceram em fornalhas, cruzeiros, coliseus e estádios. Estes também foram testemunhas de Deus e Seu poder. As perseguições do Império Romano que sacrificaram milhares de

cristãos serviram como semente para muitos outros milhares se entregassem ao Senhor Jesus Cristo. Como eles, nós também devemos permanecer fiéis ao dever mesmo que com perigo de morte.

III. O LIVRAMENTO DE DEUS O SENHOR (DANIEL 3:19-30).

- A. A ordem para que os jovens fossem jogados dentro da fornalha foi precedida de uma outra para que o fogo fosse aquecido sete vezes mais tão forte era o calor que os soldados que levaram os jovens para a beira da fornalha morreram. Sem mais demora os três foram lançados com todas as suas vestimentas dentro do forno incandescente. Nabucodonosor não queria que nada restasse daqueles rebeldes hebreus.
- B. Após alguns instantes o rei desceu de seu trono e aproximou-se da fornalha. Tremendo e assustado exclamou:

“Não lançamos nós, dentro do fogo, três homens atados? Eu, porém, vejo quatro homens soltos, que andam passeando dentro do fogo, sem sofrer nenhum dano; e o aspecto do quarto é semelhante ao Filho de Deus” (Daniel 3:24-25).

Passeando entre os três homens estava o próprio Cristo. Pessoalmente havia descido a fim de livrar seus fiéis servos da fúria do poderoso imperador. Admirado Nabucodonosor clamou: Sadraque, Misaque e Abedenego, servos do Deus Altíssimo, saí e vinde! Deixando a fornalha os três se apresentaram diante do rei. Nenhum apresentava qualquer sinal de queimado, nem suas roupas haviam chamuscado, sequer havia neles cheiro de queimado!

- C. Todos os presentes então se aproximaram para ver aquele prodígio. A estátua de tanta pompa, orgulho e riqueza foi esquecida. O Deus Altíssimo havia sido vindicado pela poderosa fé daqueles três moços corajosos. Declarando sua própria fé o rei disse: Bendito seja o Deus de Sadraque, Mesaque e Abednego, que enviou o seu anjo, e livrou os seus servos, que confiaram nele, pois violaram a palavra do rei, preferindo entregar os seus corpos, para que não servissem nem adorassem algum outro deus, senão o seu Deus (Daniel 3:28).
- D. O mesmo Deus de Sadraque, Mesaque e Abednego ainda é o nosso Deus e deseja realizar as mesmas coisas que fez no passado para que isso possa ser verdade na nossa vida precisamos ter a mesma fé que tiveram os três amigos. Para não pecar em idolatria, eles não mediram as consequências e permaneceram fiéis até o fim. Deus não espera menos de nós hoje, curvar-se diante de estátuas de barro, de madeira ou qualquer outro material ainda é idolatria. Os Dez Mandamentos escritos pelo dedo de Deus não nos autorizam a praticar tais atos. “Que se abstenham das contaminações dos ídolos, da prostituição, do que é sufocado e do sangue.” (Atos 15:20) é o decreto apostólico.

CONCLUSÃO

- A. “Quem é que modela um deus e funde uma imagem, que de nada lhe serve? O ferreiro apanha uma ferramenta e trabalha com ela nas brasas; modela um ídolo com martelos, forja-o com a força do braço. Ele sente fome e perde a força; passa sede e desfalece. O carpinteiro mede a madeira com uma linha e faz um esboço com um traçador; ele o modela toscamente com formões e o marca com

compassos. Ele derruba cedros, ou talvez apanhe um cipreste, ou ainda um carvalho. Ele o deixou crescer entre as árvores da floresta e a chuva o fez crescer. Metade da madeira, ele a queima no fogo; sobre ela ele prepara sua refeição, assa a carne e come sua porção. Ele também se aquece e diz: “Ah! Estou aquecido; estou vendo o fogo”. Do restante ele faz um deus, seu ídolo; inclina-se diante dele e o adora. Ora a ele e diz: “Salva-me; tu és meu deus”. Eles nada sabem, nada entendem; seus olhos estão tapados, não conseguem ver, e suas mentes estão fechadas, não conseguem entender. Ninguém pára para pensar, ninguém tem o conhecimento ou o entendimento para dizer: “Metade dela usei como combustível; até mesmo assei pão sobre suas brasas, assei carne e comi. Faria eu algo repugnante com o que sobrou? Iria eu ajoelhar-me diante de um pedaço de madeira?” (Isaías 44:10, 12-20).

- B. Deus deseja adoração exclusiva e não permitiu que representações suas fossem feitas por homens para a adoração. Assim, diante de nenhuma imagem, ou estátua ou pintura nós devemos nos ajoelhar, adorar ou fazer pedidos e orações.
- C. Quando a famosa Torre Eiffel foi inaugurada, uma comitiva árabe visitou Paris para as celebrações. Encerrada a festa, os árabes foram surpreendidos tentando roubar uma torneira do hotel. Eles estavam maravilhados com o aparelho que, no ponto de vista deles, era capaz de produzir água. Imagine como seria importante uma engenhosidade assim, no meio das areias secas da sua terra desértica! Foi necessário explicar para eles que a água vinha de um cano e de uma caixa d'água, para desfazer o mal-entendido. Deus olha para nós da mesma forma que olhamos para estes árabes da história. Ele diz: O ídolo é

só um objeto. Ele não tem a vida que nele buscamos. Ele não tem poder, nem consciência, não nos pode ajudar. Devemos buscar a Deus diretamente, sem depender das imagens. Ele é a fonte de águas (Boletim Dominical da IB-Memorial em Teresópolis, Nº 14 - 27/05/2001).

- E. Outras formas de idolatria incluem tudo o que colocamos a frente de Deus. Pode ser um time de futebol, um namoro, o amor ao dinheiro ou até coisas em si mesmas boas, como o trabalho ou o estudo. Tudo o que pode vir a frente de Deus é um ídolo em nosso coração.
- F. Deus quer fazer milagres na sua vida e deseja adoração exclusiva. Quantos estão dispostos a aceitar suas reivindicações e receber suas bênçãos?



DEUS DESEJA TE DAR VIDA

DANIEL 4

INTRODUÇÃO

O quarto capítulo de Daniel apresenta uma das mais belas histórias de conversão de toda a Bíblia. Nele, o próprio Rei Nabucodonosor escreve e conta sua história chocante de como passou de um pagão a um adorador do verdadeiro Deus Yahweh.

O contato do soberano com o SENHOR havia se iniciado com a vinda dos jovens cativos da Judéia. Por breves momentos Nabucodonosor havia se rendido ao Deus Todo-Poderoso. Quando Daniel interpretou seu primeiro sonho, o da estátua de vários metais e posteriormente na Fornalha de Fogo, com Sadraque, Mesaque e Abedenego ele já havia dado um testemunho de fé no Deus verdadeiro.

Foi, no entanto, após uma experiência pessoal que o rei da Babilônia se entregou ao domínio do Senhor dos Senhores.

Ele mesmo declara: “Pareceu-me bem fazer conhecidos os sinais e maravilhas que Deus, o Altíssimo, tem feito

para comigo.Quão grandes são os seus sinais, e quão poderosas as suas maravilhas! O seu reino é um reino sempiterno, e o seu domínio de geração em geração” (Daniel 4:2,3).

I. O SONHO DO REI (DANIEL 4:1-18).

Mais uma vez Nabucodonosor acordava aflito. Mais uma vez um sonho perturbava sua mente. Embora desta vez pudesse se lembrar vividamente de cada detalhe, perturbava-lhe qual seria o significado deste sonho.

Chamou então os magos e encantadores, mas estes não puderam lhe interpretar o sonho. Finalmente entrou o profeta Daniel, já um homem de meia idade, agora um servo de confiança do Rei, era ele chefe dos sábios de Nabucodonosor.

O rei então contou seu sonho:

“Eu estava assim olhando, e vi uma árvore no meio da terra, cuja altura era grande;Crescia esta árvore, e se fazia forte, de maneira que a sua altura chegava até ao céu; e era vista até aos confins da terra.A sua folhagem era formosa, e o seu fruto abundante, e havia nela sustento para todos; debaixo dela os animais do campo achavam sombra, e as aves do céu faziam morada nos seus ramos, e toda a carne se mantinha dela.Estava vendo isso nas visões da minha cabeça, estando eu na minha cama; e eis que um vigia, um santo, descia do céu,Clamando fortemente, e dizendo assim: Derrubai a árvore, e cortai-lhe os ramos, sacudi as suas folhas, espalhai o seu fruto; afugentem-se os animais de debaixo dela, e as aves dos seus ramos.Mas deixai na terra o tronco com as suas raízes, atada com cadeias de ferro

e de bronze, na erva do campo; e seja molhado do orvalho do céu, e seja a sua porção com os animais na erva da terra; Seja mudado o seu coração, para que não seja mais coração de homem, e lhe seja dado coração de animal; e passem sobre ele sete tempos. Esta sentença é por decreto dos vigias, e esta ordem por mandado dos santos, a fim de que conheçam os viventes que o Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens, e o dá a quem quer, e até ao mais humilde dos homens constitui sobre ele” (Daniel 4:10-17).

O semblante de Daniel ficou imediatamente turbado. Percebendo, o rei conjurou Daniel a dizer a verdade diante dele, sabia que podia contar com seu seguro conselheiro.

Trinta e cinco anos haviam se passado desde que o jovem Daniel interpretara o sonho da Estátua. Neste longo tempo havia se tornado amigo pessoal de Nabucodonosor. Muitas vezes tinha orado pela sua conversão e agora via que Deus estava respondendo suas preces, mas provavelmente não da forma como ele gostaria.

Nós também, como Daniel, precisamos orar pelas autoridades do nosso país. Orar para que tenham sabedoria em administrar e permitir a liberdade religiosa que proporciona a oportunidade de pregar o evangelho e acelerar o cumprimento das profecias. Devemos respeitar e honrar as autoridades, pois foram postas por Deus.

“Admoesto-te, pois, antes de tudo, que se façam deprecacões, orações, intercessões, e ações de graças, por todos os homens; Pelos reis, e por todos os que estão em eminência, para que tenhamos uma vida quieta e sossegada, em toda a piedade e honestidade” (1 Timóteo 2:1,2).

II. A INTERPRETAÇÃO DO SONHO. (DANIEL 2:19-27)

Com o semblante entristecido Daniel revelou ao rei a interpretação do sonho. A grande árvore simbolizava o poderoso monarca. Como a árvore dava sombra e abrigo em toda a terra, o poder de Nabucodonosor se estendera por quase todo o mundo conhecido.

O vigia que desceu dos céus é um poderoso anjo. Ele vinha com o decreto do Altíssimo de que o rei seria julgado por sua arrogância e orgulho e por sete anos viveria entre os animais, até que reconhecesse o poder e o domínio de Deus.

Junto com a interpretação Daniel fez uma advertência pessoal a seu amigo. Que ele se arrependesse e tratasse com humildade e respeito os mais fracos, e talvez Deus mudasse sua sorte.

Orgulho é a mãe de todos os pecados. É o verdadeiro pecado original, pois foi onde Lúcifer caiu no Céu. A ideia de que eu sou superior ao meu próximo, seja em beleza, inteligência, poder ou qualquer outra coisa nos faz tratar com desprezo e muitas vezes grosseiramente aqueles que imaginamos estarem em posição de inferioridade. Nos faz também rejeitar o auxílio divino e nos sentir autossuficientes.

III. A CONVERSÃO DE NABUCODONOSOR (DANIEL 4:28-37).

Aparentemente Nabucodonosor seguiu o conselho do profeta. Ele teve um ano incrível, conseguiu vencer os egípcios o que não havia conseguido quando era jovem. Uma tarde ele olhava para a bela cidade que havia construído. A maior cidade da antiguidade tinha esplendor e riqueza. Já vimos nesta semana como era esta magnífica cidade. Nabu-

codonosor havia construído três palácios enquanto seu pai havia feito apenas um. O orgulhoso monarca havia mandado grafar seu nome em todo tijolo que usou para fazer suas construções.

Foi então que de seus lábios saíram as palavras que selaram sua condenação:

“Não é esta a grande babilônia que eu edifiquei para a casa real, com a força do meu poder, e para glória da minha magnificência?” (Daniel 4:30).

Tão logo foram proferidas estas palavras e uma voz do céu pronunciou a sentença contra o rei. A razão se foi da mente do monarca. Nabucodonosor foi viver com os animais do campo. Seus cabelos cresceram e desgrenharam, suas unhas mais pareciam garras, ele comia e vivia como um animal.

Quantas vezes ignoramos as advertências de pais, amigos e líderes que enviados por Deus nos previnem das consequências de nossas próprias ações. Somos então levados a pagar o caro preço da desobediência, quando as sequelas poderiam ter sido evitadas se humildemente tivéssemos aceitado os conselhos.

“Presta bastante atenção aos sábios conselhos, e recebe de coração a orientação, assim alcançarás a sabedoria” (Provérbios 19:2).

A doença que afligiu Nabucodonosor é conhecida pela ciência moderna. Seu nome é Licantropia ou síndrome do homem-lobo. Nela, o doente pensa ser um animal e passa a viver como um. Era relativamente comum na antiguidade.

Assim permaneceu por sete anos conforme o oráculo do Ente Celeste. Passado o tempo, sua mente voltou ao estado normal, e ele foi reconduzido ao trono.

“Mas ao fim daqueles dias eu, Nabucodonosor, levantei os meus olhos ao céu, e tornou-me a vir o entendimento, e eu bendisse o Altíssimo, e louvei e glorifiquei ao que vive para sempre, cujo domínio é um domínio sempiterno, e cujo reino é de geração em geração.” Daniel 4:34

CONCLUSÃO

Imediatamente ao voltar a si, ele voltou os olhos para o céu e declarou sua fé no Deus eterno. A verdadeira grandeza do Rei se viu no momento em que reconheceu seu erro e se submeteu a vontade de Deus. O orgulhoso monarca se submeteu e reconheceu a soberania e o poder de Alguém maior do que ele.

Sua declaração de fé é uma das mais belas de toda a Bíblia:

“Agora, pois, eu, Nabucodonosor, louvo, exalto e glorifico ao Rei do céu; porque todas as suas obras são verdade, e os seus caminhos juízo, e pode humilhar aos que andam na soberba.” Daniel 4:37

O Senhor via no arrogante monarca um de seus filhos. Como o Bom Pastor ele saiu para buscá-lo. Deus fez o possível pela salvação de Nabucodonosor. O reconhecimento de seu erro e sua mudança de atitude, sua conversão, mostraram que havia aprendido a lição.

O nosso Deus busca seus filhos onde estiverem. Das pequenas choças na escura floresta aos edifícios luxuosos das grandes cidades Deus chamando e buscando seu rebanho. Suas ovelhas ouvem a sua voz.

Por acaso você se identifica em algum aspecto com Nabucodonosor?

Por que será que muitas vezes precisamos sofrer as consequências de nossas escolhas erradas para só então voltarmos para Deus? Hoje Deus te convida a tomar uma decisão muito importante na sua vida, entregar seu coração a Jesus enquanto há tempo.



DEUS NUNCA ESCREVE POR LINHAS TORTAS

DANIEL 5

INTRODUÇÃO

Já sentiu que Deus estava lhe guiando numa direção mesmo quando as outras pessoas ao seu redor não tinham a mesma percepção? Já ouviu alguns sinais de Deus para não avançar num caminho e mesmo assim você decidiu desobedecê-lo? E se Deus tivesse que escrever para você, você teria coragem de ler e aceitar o que ele teria a dizer?

Nos dias de hoje recebemos muitas mensagens através do WhatsApp, Sms, Facebook, Instagram, etc. Nos alegramos quando são mensagens que levantam nossa autoestima, quando nos incentivam, quando reforçam aspectos positivos que muitas vezes nem mesmo nós enxergamos. Mas quando são mensagens duras, as encaramos com a mesma seriedade? Quando alguém nos corrige, estamos prontos para aceitar essa correção?

Daniel não diz nada dos reis que vieram depois de Nabucodonosor, apenas o último deles, Belsazar. Unicamente se

limita a relatar o último ato de sua vida. Sem dúvida fez “o que era mau aos olhos do Senhor” e este ato encerrou uma vida de rebeldia e dissipação. Mas depois desse capítulo que relata a morte de Belsazar e introduz o Império Medo-Persa, os Capítulos 7 e 8 outra vez voltam a introduzir a Belsazar e desta vez, no início de seu reinado. Daniel não foi escrito inteiramente em ordem cronológica, as razões vamos discutí-las quando analisarmos os caps. 7 e 8 .

Belsazar fez uma festa quando o seu reino estava em guerra contra um grande império. Enquanto seus soldados morriam na batalha ele se embriagava, mas o pior é que ele usou os vasos sagrados do templo de Deus, que se revelou ser o Único Deus verdadeiro. Eles adoraram a seus deuses com esses objetos sagrados. Este é o pecado imperdoável, misturando o culto sagrado com o pagão; a sentença era a morte. Não havia nenhuma possibilidade de dar mais oportunidades, o mesmo sucedeu com Nadabe e Abiú que misturaram o fogo comum na adoração a Deus e foram consumidos. Ambos haviam bebido. O conflito entre o bem e o mal é de vida ou morte, e todos nós estamos envolvidos.

A Babilônia de Apocalipse também é acusada de misturar o certo e o errado em seu culto, para ser bebido com o sangue dos mártires, e intoxicar os reis da terra com o vinho da sua prostituição. Ela também deve morrer, pois seu pecado atingiu o céu.

Os vasos do Templo de Jerusalem conforme diz Daniel 1:2, foram levados até a região de Sinear por Nabucodonosor. Se nos olharmos Genesis 11:2, menciona que a torre que os homens quiseram levantar como oposição ao governo de Deus, chamada de Babel (confusão), também foi erguida na região de Sinear . A região de Sinear simboliza a Babilônia, como a cidade e a cultura que se opõe e se levanta contra

Deus. Foi por este motivo que em sinal de desrespeito e afronta a Deus, Nabucodonosor e agora Belsazar cometeram este atos infames.

Doukhan falou sobre os deuses adorados por Belsazar no capítulo 5 e disse o seguinte: “Estes são os mesmos metais daqueles da estátua de Nabucodonosor e postos na mesma ordem”. Lembre-se que, no sonho do capítulo 2 é representado os reinos terrestres e celestiais através de uma imagem de diferentes materiais: ouro, prata, bronze, ferro, barro e reino dividido de pedra.

Em Dan. 5.4 foi-nos dito que os deuses adorados pelos vasos do templo do Senhor eram de “ouro e prata, de bronze, de ferro, de madeira e de pedra” são os mesmos materiais e na mesma ordem exceto o barro, que é substituído por madeira, também o mais frágil da lista, mas certamente no palácio de Babilônia não havia deuses de barro, mas de alguma madeira valiosa.

O brinde do rei é uma paródia ao sonho do seu avô. Nos metais representados no Cap. 2 os reinos terrenos iriam desaparecer. Agora o rei os diviniza e o adora. Belsazar, através de seu gesto, deliberadamente e publicamente se emancipa de seu avô¹, e de Deus também.

A primeira menção do nome de Belsazar foi encontrada em textos babilônicos em 1860. Mais tarde, eles encontraram vários documentos, tabletas babilônicas e escritos persas que confirmaram a existência de Belsazar, incluindo este cilindro escrito pelo próprio Ciro para contar sua vitória contra Babilônia, e nas crônicas de Nabonido que conta sua derrota por escrito.

1



Cilindro do rei Ciro, o Grande, fonte: Enciclopédia Ilumina

Nestes textos diz que Nabonido deixou o reino da Babilônia, no sexto ano do seu reinado nas mãos de seu filho mais velho Belsazar no ano 550/549 a.C e foi para uma cidade árabe por dez anos. Quando informada sobre o cerco de Ciro contra a Babilônia voltou com um exército para enfrentá-lo no rio Tigre, onde ele perdeu a batalha e fugiu em seguida onde posteriormente foi morto. Mas não foi Ciro quem tomou a Babilônia passando sob o rio Eufrates, foi um de seus generais chamado de Gubaru, que matou a Belsazar naquela mesma noite. Ciro era conhecido por não se proclamar rei de Babilônia por quase um ano, o que significa que deixou a um rei entre os seus generais ou familiares no trono da Babilônia.

O ponto é que os registros arqueológicos datam a época da queda de Babilônia e confirmam a existência de Belsazar, rei de Babilônia, em seu trono, sem desmentir o que os historiadores que afirmaram que Nabonido foi o primeiro,

embora estivesse ausente. Curiosamente, Belsazar ofereceu a Daniel ser o terceiro governante no reino (vers. 16, 29 e 7), que era o máximo que se poderia oferecer a ele, pois na verdade, ele era o segundo. No entanto faraó fez de José o segundo no reino porque ele era o único rei (Gên. 41.40-44). Críticos se perguntam como o autor de Daniel, que viveu quatro séculos depois do evento em outro país sabia detalhes que os historiadores desconheciam? A resposta é muito simples. Daniel realmente existiu no local e no tempo que ele diz e o que ele narra é confiável e seguro. Daniel foi um homem incomum.

I. FESTAS DO MUNDO

Qual é o ambiente que o Cristão deve estar? Estádios de Futebol? Cinemas? Salões de Jogo? Festas heavy? Festas em Casas Noturnas? O que normalmente encontramos em lugares como estes : Música, dança, comida, gente bonita, gente não tão bonita, álcool, droga, sexo, brigas, sensualidade ,etc.

A festa de Belsazar provavelmente tinha todos estes ingredientes e muito mais. Em meio a esse clima de perversão, Belsazar teve a nefasta ideia de desonrar o nome de Deus; pisar no nome do Senhor. Talvez estivesse embriagado e quis fazer algo diferente para chamar a atenção do seus mil convidados e muitas concubinas. Porque haveriam de ser trazidos a uma festa de orgia elementos de uma Igreja? Elementos utilizados num culto religioso?

Esta fatídica noite da queda de Babilônia é datada nas crônicas da Babilônia como 16 de tasritu (sétimo mês na Babilônia). A festa começou horas anteriores à tarde no dia 15.

É interessante que a escrita na parede diz: “Você têm sido pesado na balança e achado em falta”, e as três palavras,

além do significado verbal substantivo de Moeda significa também que se referiu aos pesos colocados numa balança para contrabalançar os produtos a serem avaliados. Os sábios babilônicos também estudaram astronomia e esse dia era especial para eles. “Os babilônios, tradicionalmente, associam o mês de tasritu à constelação de Libra, e o levantamento anual da libra foi associada nos manuais para o décimo quinto do mês”². O signo de libra é uma balança.

Talvez este evento neste dia foi mais religioso do que se pensava e queriam invocar a ajuda dos deuses astrais, mas Deus mostrou a inutilidade de tudo isso usando o mesmo símbolo que daria segurança para anunciar sua decisão. Nabonido também narra em suas crônicas que este rei trouxe todos os deuses da Babilônia das cidades vizinhas, a fim de proteger a cidade, o que poderia explicar a grande variedade de deuses mencionados em Dan. 5:4, 23. Mas eles também eram inúteis contra o Senhor e seu ungido Ciro.

Assim também hoje, vemos milhares de pessoas tentando encontrar a felicidade em lugares de espetáculo; muitas vezes perdendo seus valores, sua pureza, suas energias e até a própria vida .

A felicidade com Deus vai muito mais além. Ela esta fundamentada não em coisas ou lugares, mas numa pessoa chamada Jesus Cristo .

II. DIA DE JUÍZO - ESCRITA NA PAREDE (5.5-6).

“No mesmo instante, apareceram uns dedos de mão de homem e escreviam, defronte do candeeiro, na caiadura da parede do palácio real; e o rei via os dedos que estavam escrevendo. Então, se mudou o semblante do

2 Walton, Matthews, Chavalas, 738.

rei, e os seus pensamentos o turbaram; as juntas dos seus lombos se relaxaram, e os seus joelhos batiam um no outro” (Dan. 5.5-6).

Na Babilônia, durante o Séc. VI AC. havia somente duas formas de escrita. Em papiro, com uma cana e tinta, e com tabletes de argila com escrita cuneiforme (latim para “em forma de cunha”) impressa ou num cinzel de pedra. Esse tipo de escrita se encontrava, por exemplo, nos monumentos em memória da vitória militar.

Neste caso, o texto fala dos “dedos da mão de um homem”, mas não menciona o instrumento: nem cana, nem cinzel, e o engraçado é que ele não diz que uma mão foi vista pela escrita, mas os dedos de uma mão. Isso é uma alusão ao Sinai, quando Deus desceu a montanha para escrever sobre as tábuas de pedra com Seu próprio dedo. Estas tábuas escritas pelo juízo de Deus seriam a norma e seriam colocadas no lugar mais sagrado do templo, na arca, onde apenas era presidida no Dia da Expição ou Dia do Juízo. Agora, a mão divina escreve uma sentença contra o rei de Babilônia, que foi pesado na balança antes de receber a pena de morte. Vemos que foi avaliado antes de ser condenado.

É interessante notar que apenas os únicos três textos que citam dedos escrevendo tem um contexto judicial. Jeová apareceu no Sinai era Deus o Filho, e não Deus o Pai, como os dedos de Dan. 5. Em ambos os casos a divindade desceu para revelar a vontade divina, mas em João 8 foi o Verbo feito carne, que mostrou seu amor, sabedoria e justiça para escrever a declaração mais correta e justa que se poderia registrar.

Esta, pois, é a escritura que se traçou: MENE, MENE, TEQUEL e PARSIM. Esta é a interpretação daquilo: MENE: Contou Deus o teu reino e deu cabo dele.

*TEQUEL: Pesado foste na balança e achado em falta.
PERES: Dividido foi o teu reino e dado aos medos e aos
persas. Daniel 5:20-28*

Mas o que significam essas três palavras? São três palavras que estão relacionadas umas com as outras e têm a ver com dimensões e peso. Como no original não havia personagens para representar vogais, embora o discurso seja proferido, não é seguro vocalizar estas palavras como substantivos ou verbos. Se vocalizar como substantivos: Mene seria a palavra que é traduzida em português “mina”, que é uma moeda, cerca de meio quilo ou uma moeda representando a sexagésima parte de um talento ou várias vezes o valor de uma shekal hebraico, que era a moeda corrente unitária. Tekel, é equivalente ao shekel Hebreu, correspondente a 10 gr. em peso e 50° ou 60° parte de uma mina, também resulta em alguns textos como “parte” de fazer parte de uma mina³. Peres representa metade de uma mina⁴ e como substantivo pode significar “parte” ou “porção”. Vocalizado como um verbo: mene significa “contar”, Tekel, “pesar”, e Peres “dividido” ou “partir”. A última palavra é usada também nas Seções aramaicas de Esdras e Daniel para nomear o império persa. São as mesmas três consoantes aramaicas.

O teólogo Doukhan, em sua obra “Secretes”, pagina 83 considera que o nível de interpretação das medidas de peso, Mene ou o mina é de 600g; tekell, 10g e UFARSIM, meia mina ou 300g (total menos de um quilo), e aplica-se: “é uma liquidação de venda de estoque e, portanto, fim do negócio”. Lembre-se também que Mene refere-se apenas ao Criador no AT e também é a raiz do deus babilônico do destino (Isa. 65.11-12)⁵.

3 Marvin A. Powell, “Weights and Measures”, ABD.

4 Ibíde.

5 Doukhan, Secrets, 83.

Finalmente, Doukhan reflete sobre o significado simbólico dos números. As quatro palavras representam a universalidade e o fim. Podem-se ouvir as quatro campanhas fatais do fim. Para explicar cada palavra em aramaico Daniel usa quatro palavras aramaicas. Há quatro metais da estátua e quatro bestas de Dan 7, que implicam em totalidade e limite. Não são mais do que quatro reinos terrenos. O número quatro é o prenúncio do fim. Também são quatro os reis que sucederam Nabucodonosor. Belsazar que é regente pode ser o 5º à morte de seu pai, mas não haverá um quinto⁶.

III. OS APELOS DE DEUS

Ao longo da vida de Belsazar, Deus havia dado muitos sinais e muitas oportunidades de arrependimento como deu a seu avô Nabucodonosor, e como da a cada um de nós todos os dias. Assim como acontece conosco podemos ter a sensação de que mais adiante haverá sempre mais tempo para voltar atrás e tornar aos caminhos de Deus.

“Então, respondeu Daniel e disse na presença do rei: Os teus presentes fiquem contigo, e dá os teus prêmios a outrem; todavia, lerei ao rei a escritura e lhe farei saber a interpretação. Tu, Belsazar, que és seu filho, não humilhaste o teu coração, ainda que sabias tudo isto. E te levantaste contra o Senhor do céu, pois foram trazidos os utensílios da casa dele perante ti, e tu, e os teus grandes, e as tuas mulheres, e as tuas concubinas bebestes vinho neles; além disso, deste louvores aos deuses de prata, de ouro, de bronze, de ferro, de madeira e de pedra, que não vêem, não ouvem, nem sabem; mas a

6 Doukhan, Secrets, 84-85.

Deus, em cuja mão está a tua vida e todos os teus caminhos, a ele não glorificaste” (Dan. 5.17-23).

Daniel tem mais espaço para repreender ao rei que dar a interpretação das Escrituras. Daniel lembra o juízo divino sobre Nabucodonosor (vers. 18-21) narrado no capítulo 4, de modo que o encurrala (lembrando que elas são seções paralelas e o centro do quiasma aramaico) e também os contrasta, pois Nabucodonosor, apesar de sua arrogância reagiu de forma positiva e humilde, mas Belsazar foi sacrílego “mesmo sabendo isso” (vers. 22), ao ter uma luz maior também foi maior sua responsabilidade.

A conhecida história de Belsazar e as profecias cumpridas no passado eram a oportunidade que trouxe a salvação a Nabucodonosor e desgraça de seu filho Belsazar. As mesmas histórias e as mesmas profecias ficaram gravadas em Daniel e trará felicidade eterna ou desgraça eterna aos que estudem, depende de seguir o exemplo de arrependimento de Nabucodonosor, ou a blasfêmia de Belsazar.

Assim também Deus está apelando a cada coração hoje para que aprenda com as histórias do passado e coloque sua vida nas mãos do Criador.

Se tão somente Belsazar houvesse aprendido os sinais e colocado atenção no sofrimento de seu avô, e corrigido o rumo, o final dele teria sido diferente. Sábio é aquele que aprende com o sofrimento alheio. Tolo é aquele que sofre uma e outra vez com suas decisões erradas e nunca aprende.

Belsazar havia visto seu avô comendo pasto como um animal, seus cabelos desgrehados,

Seu quarto real vazio, seu entendimento como de um bicho, mas mesmo assim decidiu endurecer seu coração aos apelos Divinos.

Muitas pessoas hoje também estão seguindo o caminho de este rei rebelde. Preferem as luzes passageiras que o mundo oferece em vez de aceitar a luz do Mundo que é Jesus .

CONCLUSÃO

Daniel é honrado e o reino de Belsazar é derrubado (5.29-31). O Dr. Shea destaca a honestidade e a coragem de Daniel ao repreender o ímpio rei Belsazar, e declara: **“o nosso exemplo no capítulo 5 não é Belsazar, mas Daniel. Belsazar fornece um aviso de que há um caminho a seguir, Daniel traça o caminho de fé e confiança que leva ao reino de Deus”**⁷.

Mas, além de aludir à experiência de Nabucodonosor no capítulo 4, explicitamente, também se refere à experiência de Nabucodonosor no cap.2, embora implicitamente (vers.23). Lembre-se que, no sonho do capítulo 2 é representado os reinos terrestres e celestiais através de uma imagem de diferentes materiais: ouro, prata, bronze, ferro, barro e reino dividido de pedra.

O interessante é que no verso 23 onde Daniel menciona a causa da punição ao rei o acusa de adorar deuses “de prata e ouro, de bronze, ferro, madeira e pedra.” Na literatura, os primeiros dois metais são separados do resto da lista, mas o que é interessante é que, no verso 4 colocados do mais valioso para o menos custoso, mas no ver.23 Daniel faz uma mudança e diz “prata e ouro “em vez de” ouro e prata “, já que o ouro no sonho de Nabucodonosor era Babilônia e a prata Medo-Pérsia, que naquela mesma noite cumpriria a profecia, e prata tomou o lugar do ouro.

7 Shea, Daniel: uma guia, 66.

ntão, mandou Belsazar que vestissem Daniel de púrpura, e lhe pusessem cadeia de ouro ao pescoço, e proclamassem que passaria a ser o terceiro no governo do seu reino. Naquela mesma noite, foi morto Belsazar, rei dos caldeus. E Dario, o medo, com cerca de sessenta e dois anos, se apoderou do reino” (Dan. 5.29-31).

Aqui não temos mais diálogo, apenas ações, descrito de forma concisa, a primeira foi feita por Belsazar que nobremente cumpriu seu triplo negócio com Daniel, embora não houve nenhuma palavra de arrependimento de seus lábios. A próxima ação é narrada a morte de Belsazar. Talvez alguém pergunte, por que os persas mataram o segundo governante no reino, e não o terceiro, levando Daniel os emblemas de dignidade? A verdade é que os persas não matavam os reis das nações conquistadas, e até mesmo Ciro o Grande, deixou alguns reis a cargo do governo de seu país. O motivo para a morte de Belsazar, filho de Nabonido, era a vingança do General Ugbaru, que tomou a Babilônia naquela noite, porque Nabonido tinha matado seu filho⁸. Por outro lado, a profecia escrita na parede, não só anuncia a queda de Babilônia, mas o juízo pessoal contra Belsazar por sua blasfêmia.

Esta fatídica noite da queda de Babilônia é datada nas crônicas da Babilônia como 16 de tasritu (sétimo mês na Babilônia). O mês de tasritu é equivalente a Etanin para os judeus. Após o exílio ficou conhecida como Tishri o Babilônico, e era o mês das festas de fim de ano. O primeiro dia foi o novo ano e tocavam as trombetas para anunciar o julgamento do Dia da Expição, que caiu no dia 10 do mesmo mês e do 15 ao 22. Nesses dias eles estão fora das casas para habitar em tendas. Isso os faz lembrar que Deus os tinha

8 Jenofonte, Cyropaedia VII, V, 24-32 citado por Shea, Daniel: una guía, 63.

tirado do Egito habitavam em tendas por 40 anos. É interessante que Deus julgou a favor de seu povo oprimido o dia 10, e o 15, quando as pessoas saíram de suas casas para celebrar a sua liberdade.

Era justamente o dia em que os persas estavam atravessando os muros de Babilônia e Ciro como um tipo messiânico (Isa. 44-45), antes mencionado foi quem deu a ordem para a libertação de Judá a reconstruir o seu templo (Esd. 1.1-5; 2 Crôn. 36.22-23).

APELO

Um dia todos nós compareceremos diante do juízo. Se tivermos aceito a Cristo como Salvador, então seus méritos nos cobrirão e sua justiça se tornará nossa. Quando Aceitamos a Cristo não temos medo do juízo porque já fomos justificados pelo seu sangue vindicatório. Ele nos faz filhos do reino e começamos a viver o reino celestial aqui e agora. Pesados fomos na balança e fomos achados sem falta , porque Cristo morreu em nosso lugar . Você aceita ?

BOCAS FECHADAS, JANELAS ABERTAS

DANIEL 6

INTRODUÇÃO

“Pareceu bem a Dario constituir sobre o reino a cento e vinte sátrapas, que estivessem por todo o reino; e sobre eles, três presidentes, dos quais Daniel era um, aos quais estes sátrapas dessem conta, para que o rei não sofresse dano. Então, o mesmo Daniel se distinguiu destes presidentes e sátrapas, porque nele havia um espírito excelente; e o rei pensava em estabelecê-lo sobre todo o reino” (Dan. 6.1-3).

Dario organizou a administração do Estado de Babilônia em sátrapas, “a divisão geográfica administrativa principal no império persa¹”, confirmando o conhecimento de primeira fonte em Daniel. Em sua administração Dario concedeu um lugar especial para Daniel, que foi um dos três governantes do país, a cargo de todas as sátrapas, mas,

1

Dario sabia que ele era o melhor dos três, e “o rei pensava constituí-lo sobre todo o reino” (vers. 3).

O verbo traduzido por “pensou” em aramaico é Ashaz, que significa pensar ou “planificar”, e o verbo usado aqui está no particípio passivo, que pode ser traduzido literalmente como “eu estava pensando” ou “estava planejando” ou como foi traduzido na Bíblia de Jerusalém, “se propunha constituí-lo sobre todo o reino”, ou seja, é algo que ele estava planejando fazer.

Foi a inveja que tirou Lúcifer do céu. É a inveja que destrói relacionamentos no trabalho. É a inveja que termina relacionamentos.

I. A INVEJA-OS INIMIGOS DE DANIEL PLANEJAM SUA MORTE (6.4-9).

Definição de Inveja:

substantivo feminino

1. desgosto provocado pela felicidade ou prosperidade alheia.
2. desejo irrefreável de possuir ou gozar o que é de outrem.

Alguma vez você sentiu inveja? já se sentiu incomodado pela promoção de um colega de trabalho? Já argumentou contra quando alguém elogiou uma pessoa que você considerava não ser digna do elogio?

Vejamos o que diz a Bíblia com relação a Daniel:

“Então, os presidentes e os sátrapas procuravam ocasião para acusar a Daniel a respeito do reino; mas não puderam achá-la, nem culpa alguma; porque ele era fiel, e não se achava nele nenhum erro nem culpa. Dis-

seram, pois, estes homens: Nunca acharemos ocasião alguma para acusar a este Daniel, se não a procurarmos contra ele na lei do seu Deus. Então, estes presidentes e sátrapas foram juntos ao rei e lhe disseram: Ó rei Dario, vive eternamente! Todos os presidentes do reino, os prefeitos e sátrapas, conselheiros e governadores concordaram em que o rei estabeleça um decreto e faça firme o interdito que todo homem que, por espaço de trinta dias, fizer petição a qualquer deus ou a qualquer homem e não a ti, ó rei, seja lançado na cova dos leões. Agora, pois, ó rei, sanciona o interdito e assina a escritura, para que não seja mudada, segundo a lei dos medos e dos persas, que se não pode revogar. Por esta causa, o rei Dario assinou a escritura e o interdito” (Dan. 6.4-9).

Como Daniel era irrepreensível em suas funções do Estado e em sua vida particular, os inimigos de Daniel astutamente fundamentado disseram: “Nunca acharemos ocasião alguma contra este Daniel, a menos que a procuremos no que diz respeito à lei do seu Deus.” (ver. 5). Ellen White diz que no remanescente final não vai encontrar nenhuma falha, exceto em relação à lei de Deus. A verdade é que a única maneira de transformar um cristão fiel em anti social é encontrando oposição na Lei de Deus.

Mas Daniel sabia das suas intenções malignas e suas armadilhas. Como diz o Teólogo Doukhan “a estratégia de Daniel contra a política era a oração.

Ellen White diz :

“A oração é o abrir do coração a Deus como a um amigo. Não que seja necessário, a fim de tornar conhecido a Deus o que somos; mas sim para nos habilitar a recebê-Lo. A oração não faz Deus baixar a nós, mas eleva-nos a Ele. Quando Jesus andou na Terra, ensinou a Seus

discípulos como deviam orar. Instruiu-os a apresentar suas necessidades cotidianas a Deus, e lançar sobre Ele todos os seus cuidados. E a certeza que lhes deu, de que suas petições seriam ouvidas, constitui também para nós uma certeza” (Caminho a Cristo , p 93).

Assim como Daniel devemos nos manter firmes e obedecer a Deus mesmo quando as leis humanas se coloquem em oposição à lei divina. Diante de tal situação, a resposta de cada cristão deve ser a que Pedro deu aos líderes religiosos de seus dias: “Devemos obedecer a Deus antes que aos homens” (Atos. 5.29). Essa resposta fez com que o apóstolo João fosse preso na Ilha de Patmos, onde recebeu a revelação de Apocalipse, livro gêmeo de Daniel, e causou o martírio de milhões de cristãos fiéis em tempos romanos e da Inquisição “cristã”, em particular. Esta é também a única arma e vantagem de Satanás contra Deus.

A proposta dos governadores era uma astuta armadilha apelada pelo egocentrismo humano diretamente ao rei. Também foi um bom sinal que o rei estrangeiro reforçasse seu poder na Babilônia e testasse a lealdade de seus súditos. Foi uma sugestão unânime. Portanto, os líderes por ele estabelecidos o apoiavam e ele não recusou o “carinho”, que lhe foi mostrado. Assim, o rei assinou uma lei irrevogável, sem reflexão.

De igual modo Satanás, por meio de seus agentes nos engana e nos leva a tomar decisões que parecem completamente inócuas e que não podemos libertar-nos, por vezes, até mesmo decisões que nos levam a eternidade. Quantos jovens que usaram uma única droga sem questionamentos e foram levados ao fracasso por toda a sua vida. Quantas jovens aceitam uma “prova de amor” diante de quem parecia amar tanto e tiveram que ser mães antes que seus corpos

e mentes estivessem totalmente preparados para isso. Por essa má decisão traz ao mundo um bebê que não tem um lar bem constituído.

II. DANIEL JOGADO NA COVA DOS LEÕES POR SUA FÉ, O REI AMARGURADO (6.10-18).

“Daniel, pois, quando soube que a escritura estava assinada, entrou em sua casa e, em cima, no seu quarto, onde havia janelas abertas do lado de Jerusalém, três vezes por dia, se punha de joelhos, e orava, e dava graças, diante do seu Deus, como costumava fazer. Então, aqueles homens foram juntos, e, tendo achado a Daniel a orar e a suplicar, diante do seu Deus, se apresentaram ao rei, e, a respeito do interdito real, lhe disseram: Não assinaste um interdito que, por espaço de trinta dias, todo homem que fizesse petição a qualquer deus ou a qualquer homem e não a ti, ó rei, fosse lançado na cova dos leões? Respondeu o rei e disse: Esta palavra é certa, segundo a lei dos medos e dos persas, que se não pode revogar. Então, responderam e disseram ao rei: Esse Daniel, que é dos exilados de Judá, não faz caso de ti, ó rei, nem do interdito que assinaste; antes, três vezes por dia, faz a sua oração. Tendo o rei ouvido estas coisas, ficou muito penalizado e determinou consigo mesmo livrar a Daniel; e, até ao pôr-do-sol, se empenhou por salvá-lo. Então, aqueles homens foram juntos ao rei e lhe disseram: Sabe, ó rei, que é lei dos medos e dos persas que nenhum interdito ou decreto que o rei sancione se pode mudar. Então, o rei ordenou que trouxessem a Daniel e o lançassem na cova dos leões. Disse o rei a Daniel: O teu Deus, a quem tu continuamente serves, que ele te livre. Foi trazida uma pedra e posta sobre a boca da cova;

selou-a o rei com o seu próprio anel e com o dos seus grandes, para que nada se mudasse a respeito de Daniel. Então, o rei se dirigiu para o seu palácio, passou a noite em jejum e não deixou trazer à sua presença instrumentos de música; e fugiu dele o sono” (Dan. 6.10-18).

Já que Daniel sabia do assunto, não podia orar somente por esse mês com as janelas fechadas e não aberta, como de costume? Não seria atitude presunçosa de Daniel? A verdade é que Daniel queria dar um testemunho do verdadeiro Deus na Babilônia. A vida religiosa não pode ser particular. Para Daniel, orar com as janelas fechadas, seria como não orar, era como ser cristão sem testemunhar. A morte era preferível antes que silenciar o seu testemunho.

Muitos na história tornaram-se cristãos através do testemunho dos mártires e Daniel estava disposto a pagar o preço. Não foi arrogância de sua parte ou uma busca para si, mas queria honrar seu Deus e salvar aqueles que buscavam sua morte. Cristo é a máxima expressão desse amor, pois morreu por seus inimigos, orou para o perdão e aceitou beber o cálice amargo.

Embora o Rei “propôs em sua mente” libertar Daniel, já era tarde demais. O verbo aramaico “propor” neste texto é o equivalente ao texto hebraico de Dan. 1.8, onde Daniel “propôs em seu coração” não se contaminar com a comida do rei. A grande diferença é que Daniel foi preparado a partir do nascimento de seus pais a ser fiel. As propostas instintivas forçadas pelas circunstâncias não servem na história da vida. Quantos se propõem a parar de fumar e uma e outra vez e caem no mesmo erro! Só o poder de Deus pode transformar as decisões humanas numa sólida mudança de vida. Novamente, vemos que o futuro depende das decisões humanas e da intervenção divina.

III. SOMOS ESPETÁCULO DIANTE DO UNIVERSO

Uma das razões pelas quais Deus não destruiu o planeta terra depois da entrada do pecado, é porque ele quer vindicar seu caráter diante do universo. Demonstrar que seu plano sim era o melhor para o ser humano no início. Seu filho veio a esta terra para viver os princípios do reino celestial e assim justificar o mundo e vindicar o caráter de seu Pai.

A prova de Daniel não era só um teste de fé para ele, também foi para Dario. Sua ida ao fosso na madrugada e quando chama a Daniel e pergunta se seu Deus tinha sido capaz de livrá-lo dos leões, são as provas de que Dario não só ficou impressionado com a capacidade e integridade de Daniel, mas também com o Deus de Daniel.

Esse ato tornou-se a suprema confiança na fé salvadora do rei Medo.

Deus tem sido crível para os incrédulos por meio de nossas vidas? Temos sido as cartas onde as pessoas podem ler as mensagens de Deus para elas? Como Paulo diz: “Nossas cartas são vocês”. Temos o privilégio e a responsabilidade de sermos os representantes do verdadeiro Deus.

Daniel era um ministro do império persa, mas, antes era um ministro do reino dos céus.

“Meu Deus enviou o seu anjo, e fechou a boca dos leões para que não me machucar, porque eu fui irrepreensível diante dele” (ver. 22) diz Daniel.

Deus não precisa ver Daniel na cova dos leões para saber que ele era íntegro e fiel. Muito antes da prova Deus o tinha julgado inocente. Essa prova era mais necessária para o rei e todo seu império, do que para Daniel e seu Deus. Na história da salvação, Deus não precisa provar ou julgar o seu povo para ver se é verdade ou não. Mas pelas profecias

que vemos neste livro, a ordem a seguir é : primeiro, o julgamento favorável de Deus, depois o teste e, finalmente, a libertação.

IV. DANIEL É TIRADO DA COVA DOS LEÕES, POR SUA FÉ, O REI ESTAVA ALEGRE (6.23).

“Então, o rei se alegrou sobremaneira e mandou tirar a Daniel da cova; assim, foi tirado Daniel da cova, e nenhum dano se achou nele, porque crera no seu Deus” (Dan. 6.23).

Daniel foi condenado à morte injustamente, como um tipo de Cristo, pelos líderes da nação que conspiraram por inveja contra ele usando a autoridade política para condená-lo, Daniel saiu vitorioso do túmulo selado.

Há uma palavra interessante neste texto. A palavra aramaica Jabal, que significa “ferir”, “danificar” ou “destruir” aparece sete vezes na parte aramaica de Daniel e é um elo entre o individual e o universal. É utilizada negativamente e positivamente. Aqui é usado de forma negativa: Depois de retirar Daniel da cova causa admiração de todos que “nenhum dano foi encontrado nele”. Daniel já havia declarado que o anjo de Deus fechara a boca dos leões “para não o machucar”. A mesma afirmação fez Nabucodonosor aos três jovens na fornalha ardente (3.25, lembre-se que os capítulos 3 e 6 de Daniel são paralelos) usando positivamente e individualmente com o rei Nabucodonosor a figura da árvore quando o vigia, um santo julgamento “cortar a árvore e destruí-lo” (4.20).

Em forma universal o termo “Jabal” é sempre usado de uma forma negativa e sempre se referiu ao reino dos céus, o reino da Rocha em Dan. 2.44 representando “um reino que

jamais será destruído”. Em Dan 7.14 o Filho do Homem recebe um reino “que jamais será destruído”, e no mesmo capítulo que estamos discutindo Dario reconhece que o Deus de Daniel tem um “reino que jamais será destruído” (6.26). Portanto, este mesmo verbo é usado para o reino de Deus na negativa: “não pode ser destruído ou danificado” e positivamente para o reino da Babilônia: “destruí-lo”. Representantes do reino de Deus, tanto de nível cósmico ou individual “não serão danificados”, enquanto os representantes do reino de Babilônia, antagônicos a Deus, serão destruídos. Babilônia aparentemente triunfou sobre as pessoas e sobre o santuário de Deus, mas não importa as circunstâncias passageiras da nossa história, a profecia declara que Babilônia vai certamente cair, finalmente, (Apoc. 14.8, 18,4) e que o reino de Deus permanece para sempre (Apocalipse 22.4-5). Mas, é melhor sofrer temporariamente por Cristo que perder o reino eterno que em breve virá.

CONCLUSÃO

O Deus de Daniel é exaltado (6.25-28)

“Então, o rei Dario escreveu aos povos, nações e homens de todas as línguas que habitam em toda a terra: Paz vos seja multiplicada! Faço um decreto pelo qual, em todo o domínio do meu reino, os homens tremam e temam perante o Deus de Daniel, porque ele é o Deus vivo e que permanece para sempre; o seu reino não será destruído, e o seu domínio não terá fim. Ele livra, e salva, e faz sinais e maravilhas no céu e na terra; foi ele quem livrou a Daniel do poder dos leões. Daniel, pois, prosperou no reinado de Dario e no reinado de Ciro, o persa” (Dan. 6.25-28).

As declarações feitas pelo impactado Dario em sua primeira evidência milagrosa de fé do verdadeiro Deus fez com que arrancasse a mesma confissão que veio dos lábios de Nabucodonosor, depois de anos de milagres e provas. Daniel não menciona mais relatos históricos e incidentes do rei Dario. Este é o último relato histórico que leva a seção profética apocalíptica. Não somente pelo curto reinado de Dario há silêncio de incidentes históricos de Daniel, mas porque foi suficiente para sua salvação.

VEJA AS 7 DECLARAÇÕES DO REI DARIO:

1. Ele é o Deus vivo
2. Permanecerá para sempre,
3. O seu reino jamais será destruído
4. O seu domínio durará até o fim
5. Ele livra e salva
6. Opera sinais e maravilhas no céu e na terra
7. Ele livrou Daniel do poder dos leões” (Dan. 6.26-27).

Com estas sete declarações, O rei diz tudo o que um filho de Deus pode dizer sobre o Verdadeiro Deus.

APELO

Que declarações estamos nós dando de nosso Deus? Somos filhos e filhas dependentes da oração? E se Deus não nos livrar de alguma aflição? Ainda assim continuaremos confiando Nele?

Deus convida você e a mim a ganhar as batalhas desta vida no melhor e o único lugar onde elas são ganhas ...

na câmara de oração com Deus. As verdadeiras vitórias do Cristão não acontecem no fosso ... acontecem “ajoelhados com as janelas abertas”.



DEUS O FILHO, O MONARCA UNIVERSAL

DANIEL 7

INTRODUÇÃO

O livro de Daniel está dividido em duas partes. A primeira apresenta histórias, todas relativas a Daniel e seus três amigos Sadraque, Mesaque e Abedenego. A partir do capítulo sete começa a segunda metade do livro, que vai agora se concentrar em profecias.

Precisamos entender que na Bíblia existem dois tipos básicos de profecia: a profecia clássica e a profecia apocalíptica. A profecia clássica tem como características: previsão dada para períodos de tempo próximos, em geral curtos e a condicionalidade, isto é, existe uma condição para que ela se cumpra. Um exemplo de profecia clássica está no próprio livro de Daniel, no capítulo quatro que fala da loucura do rei. Veja que ela é para cumprimento logo e que Daniel pede ao rei que se arrependa para que Deus não cumpra a profecia, como ocorreu no caso de Nínive no livro de Jonas. Ela também abrange apenas um período de tempo, e não toda a história.

Já a profecia apocalíptica é o oposto. Nela a previsão é “para tempos muito distantes”, que iam muito além da vida do profeta. Ela também não depende de condições do agente humano, Deus simplesmente previu, estabeleceu e ela vai se cumprir independente das ações que as pessoas possam tomar. Finalmente, ela abrange todo o tempo, desde o profeta até a intervenção divina na história.

Considerando estas diferenças, percebemos que os principais livros de profecias apocalípticas são Daniel e Apocalipse, e Daniel é o livro que nos revela os mistérios grandiosos do futuro da humanidade. Nele aprendemos que Deus tem tudo sob o seu controle, não precisamos estar ansiosos com relação ao futuro da humanidade. Deus tem tudo em suas mãos.

I. A VISÃO DOS QUATRO ANIMAIS. (DANIEL 7:1-6)

- A. A visão acontece no segundo ano do reinado de Belsazar que sucedeu a Nabucodonosor, portanto dez anos antes da história da cova dos leões do capítulo 6. Daniel organizou seu livro cuidadosamente de modo a combinar o capítulo sete com segundo capítulo, que trata da visão da estátua. O capítulo dois foi escrito em aramaico e assim os próximos, até o capítulo sete. Os outros cinco capítulos e o capítulo um foram escritos em hebraico. Assim, Daniel combina as duas profecias que tratam dos mesmos reinos, na estátua simbolizados por metais diferentes e nesta visão por animais e chifres.
- B. Daniel começa vendo o mar agitado, este é um símbolo apropriado para guerras e revoluções que agitam o palco do mundo (Jer. 49:36-37). O mar significa os povos, as multidões e nações (Apo. 17:15). Já os ventos são as agi-

tações dos povos e nações. Aqui cabe notar que as profecias de Daniel são paralelas, isto significa que embora com símbolos diferentes, cada nova profecia é uma repetição da anterior em que se acrescentam mais detalhes. A profecia dos quatro animais irá repetir a profecia da estátua

- C. Desta agitação surge o primeiro animal. Um leão que possui duas asas. O leão emula a cabeça da estátua. Ele simboliza a própria Babilônia. É um símbolo apropriado. O profeta Jeremias já havia predito: “Ergam o sinal indicando Sião. Fugam sem demora em busca de abrigo! Porque do Norte eu estou trazendo desgraça, uma grande destruição. Um leão saiu da sua toca, um destruidor de nações se pôs a caminho. Ele saiu de onde vive para arrasar a sua terra. Suas cidades ficarão em ruínas e sem habitantes.” Jeremias 4:6-7. O belo Portão de Ishtar, construído por ordem do próprio Nabucodonosor era adornado com leões alados! As asas do leão mostram a velocidades das conquistas iniciadas por Nebopolassar e completadas por seu filho Nabucodonosor. O ter ficado em pé e ganhado uma mente humana pode ser uma lembrança da história do próprio rei, que havia recuperado a razão após um período de loucura e se voltado ao verdadeiro Deus. O Império Babilônico governou desde 605 a.C até 539 a.C.
- D. O próximo animal é um urso que se apoia em um de seus lados e possui três costelas na boca. Este representa o Império Medo-Persa, que conquistou a Babilônia e tornou-se a grande potência mundial. Enquanto a Babilônia foi ágil como um leão de asas, os medo-persas fizeram suas conquistas por sua força e volume, lentos e fortes como um urso. As três costelas simbolizam a Lídia, o

Egito e a Babilônia forças concorrentes que tiveram de ser subjugadas para o domínio Medo-Persa. O urso está em paralelo com o peito de prata e corresponde em tempo de 538 a.C até 331 a.C. É sob o domínio persa que os judeus retornam a Jerusalém e reconstroem o templo. Deus mesmo havia previsto que Ciro seria o benfeitor e libertador de Judá.

“Executará completamente tudo aquilo em que me agrado”; dizendo eu de Jerusalém: ‘Ela será reconstruída’, e do templo: ‘Lançar-se-á teu alicerce” (Isaías 44:28).

- E. Daniel vê agora saindo do mar um animal semelhante ao leopardo, mas que estranhamente possui quatro asas e quatro cabeças. Este animal está em paralelo aos quadris de bronze da estátua e representam o império Grego. Conquistado com muita rapidez por Alexandre Magno, que aos trinta e dois anos já havia adquirido um vasto império, dos maiores de todos os tempos. Isto ele realizou em dez anos. Realmente o leopardo o mais rápido predador desta série e as quatro asas são bem representados na visão. Alexandre morreu aos 32 anos após festejar suas vitórias na cidade de Babilônia. Não deixou herdeiro apto ao trono e seu vasto império foi dividido em 4 sedes principais (Macedônia, Egito, Síria e Pérgamo) de onde governaram seus quatro generais de confiança, Lisímaco, Cassandro, Ptolomeu e Seleuco.
- F. Daniel ficou bastante intrigado com a visão e pergunta a um Anjo o que tudo significa, este lhe explica rapidamente que os quatro animais simbolizam “quatro reinos que se levantarão sobre a terra” (Dan. 4:17).

A grande curiosidade de Daniel, porém, estava voltada para o quarto animal e os eventos que se seguiram após ele.

II. O QUARTO ANIMAL E O CHIFRE PEQUENO (DANIEL 7:7-8).

- A. A visão prosseguiu e agora surge do mar um animal “terrível, espantoso e sobremodo forte” (7:7) este magnífico animal pisa destrói tudo o que pode. enquanto que os outros três animais tinham paralelo com alimárias conhecidas pelo profeta, este quarto era um monstro, não havendo nada na natureza parecido com ele. Este quarto animal corresponde ao quarto grande império mundial, o mais poderoso de todos, o império Romano. Os historiadores concordam que o império Romano foi um dos mais cruéis e poderosos da história. Para os povos que não desejavam submeter-se ao seu poder, Roma após conquistá-los passava todos a fio de espada, queimava as cidades e sobre os escombros ainda arava a terra, para que não fossem reconstruídas. Foi o que aconteceu por exemplo a Jerusalém no ano 70 d.C. Os profissionais exércitos Romanos eram temidos e reverenciados em todo o mundo antigo.
- B. Este quarto animal possuía dez chifres na cabeça e agora são eles quem tem o protagonismo da visão. Imagine um filme e o zoom vai para os chifres do animal. Se a princípio eram dez, um décimo primeiro começa a surgir, a princípio pequeno, ele cresce e se fortalece. Em seu crescimento arranca três anteriores. Ele também possui boca de homem e olhos de homem.

Os dez chifres, diz o Anjo, correspondem a dez reis que se levantarão do quarto animal. Já vimos que o Monstro

terrível e espantoso é o império Romano. Ao irmos para a história vemos que o império Romano Ocidental teve seu fim decretado em 476 d.C. O que se seguiu ao grande império não um outro império, mas pequenos reinos formados por tribos bárbaras que invadiram o império e colaboraram para o seu fim. Embora mais de vinte povos tenham participado da invasão que muitas vezes foi pacífica, foram dez os reinos que surgiram e se estabeleceram em seu território. Anglos (Inglaterra), Burgúndios (Suíça) – Francos (França) – Germanos (Alemanha) – Hérulos (Sul da Itália) – Lombardos (Norte da Itália) – Ostrogodos (Áustria) – Suevos (Portugal) – Vândalos (Sul da Espanha) – Visigodos (Norte da Espanha).

C. Agora surge um novo personagem. Um pequeno chifre começa a crescer e se tornar cada vez maior. Este chifre é o destaque negativo desta visão. Precisamos identificá-lo para que possamos compreender a visão. Para isto vamos observar suas características, suas ações e buscar enquadrá-lo na história. Vejamos:

“Estando eu a considerar os chifres, eis que, entre eles subiu outro chifre pequeno, diante do qual três dos primeiros chifres foram arrancados; e eis que neste chifre havia olhos, como os de homem, e uma boca que falava com insolência” (Daniel 7:8).

“... e do outro que subiu, e diante do qual caíram três, isto é, daquele que tinha olhos, e uma boca que falava com insolência, e parecia era mais robusto do que o dos seus companheiros. Eu olhava, e eis que este chifre fazia guerra contra os santos, e prevalecia contra eles.” (Daniel 7:20,21).

“... e depois deles se levantará outro, o qual será diferente dos primeiros, e abaterá a três reis. E proferirá palavras

contra o Altíssimo, e destruirá os santos do Altíssimo, e cuidará em mudar os tempos e a lei; e os santos lhe serão entregues nas mãos, por um tempo, dois tempos, e metade de um tempo” (Daniel 7:24,25).

- Se fortalece após o final do império Romano.
- Surge dos escombros do próprio império Romano, pois está na cabeça do animal.
- É um poder político, pois arranca três povos-nações em seu crescimento.
- É um poder religioso, fala com insolência, isto é, blasfêmias.
- Se tornou mais forte que os outros.
- Fazia guerra contra os santos, o povo de Deus.
- Persegue o povo de Deus.
- Tenta mudar “os tempos e a Lei”.
- Tem um período de domínio sobre os santos.

Agora vejamos: um poder político-religioso que está na mesma região do império Romano, e que foi o mais forte poderio no período que se seguiu ao império Romano, a idade média. Já conseguimos identificar? Sim é o poder da Igreja Cristã Romana.

- D. Foi na idade média que aconteceram as cruzadas, os reis precisavam pedir a autorização do bispo de Roma para ascender ao poder, a inquisição, a mais cruel e contínua perseguição religiosa da história e muitas, muitas mortes ordenadas pela própria igreja aconteceram. A igreja que se dizia cristã deveria ter defendido a vida e a liberdade de consciência, mas ao contrário, mandou matar, perseguiu torturou e prendeu. O bispo de Roma, cha-

mado Papa por ser considerado pai dos outros bispos, tornou-se também rei de Roma e assentou no trono dos Césares, tendo ao seu dispor tropas e todo o aparato do governo civil para impor sua vontade. Isto provocou as diversas perseguições religiosas para quem discordasse de seus preceitos e vontades. Temos como exemplo a infame Noite de São Bartolomeu, quando mais de 50.000 huguenotes franceses são mortos em uma matança cuidadosamente coordenada e liderada pela família real francesa, dois anos após um tratado de paz entre católicos e protestantes. Os massacres aconteceram primeiramente em Paris e depois se espalharam por todas as grandes cidades francesas. Um horror até hoje lembrando com repulsa pela humanidade. As reações da igreja oficial foram mandar tocar e rezar uma missa em homenagem ao massacre, uma tradição que continuou por muitos anos, a condecoração da Rosa de Ouro com uma medalha cunhada pelo Papa Gregório XIII, enfim foi de festa e comemoração.

- E. O período de tempo citado, de um tempo, dois tempos e metade de um tempo, corresponde a 1260 anos. Para chegar a este número precisamos compreender o quanto significa o termo “tempo”. O próprio Daniel dá a resolução quando escreve em 11:13, “e ao fim dos tempos, isto é, de anos”. Como o texto diz um tempo, dois tempos e metade de um tempo temos na verdade três anos e meio. O ano profético é composto de 12 meses de 30 dias no total, 360 dias. Se multiplicarmos os três anos e meio por 360 dias, encontramos 1.260 dias. Este período de tempo é repetido sete vezes em Daniel e Apocalipse. Em Apocalipse 11:2 e 13:5 aparece como 42 meses, em 11:3 e 12:6 o tempo é exposto como 1.260 dias e no capítulo 12:14 como em Daniel 7:25 e 12:7, um tempo, dois

tempos e metade de um tempo. Esta repetição indica que este é um importante período profético-histórico. A chave que destrava este mistério está em Números 14:34 e Ezequiel 4:5-7 que dizem respectivamente: “cada ano corresponderá a cada um dos quarenta dias em que vocês observaram a terra.” (NVI); “determinei que o número de dias seja equivalente ao número de anos [...] um dia para cada ano.” (NVI). Se você aplicar este princípio teremos 1.260 anos literais para 1.260 dias proféticos. Estes 1.260 anos se estendem de 538 d.C à 1798 d.C. São conhecidos como o período de supremacia do bispo de Roma, quando as perseguições religiosas e sua autoridade eram predominantes. Termina com a prisão de Pio VI por Berthier, general de Napoleão Bonaparte.

III. O JULGAMENTO FINAL (DANIEL 2:31-47).

Depois desta impressionante visão Daniel é levado aos Céus. Ali ele vê uma cena de um tribunal e um julgamento.

“Eu continuei olhando, até que foram postos uns tronos, e um ancião de dias se assentou; a sua veste era branca como a neve, e o cabelo da sua cabeça como a pura lã; e seu trono era de chamas de fogo, e as suas rodas de fogo ardente. Um rio de fogo manava e saía de diante dele; milhares de milhares o serviam, e milhões de milhões assistiam diante dele; assentou-se o juízo, e abriram-se os livros. Então estive olhando, por causa da voz das grandes palavras que o chifre proferia; estive olhando até que o animal foi morto, e o seu corpo desfeito, e entregue para ser queimado pelo fogo” (Daniel 7:9-11).

Neste tribunal Celeste, o chifre é julgado e condenado. O juiz, o Ancião de Dias, é o próprio Deus, mas outro Ser surge na visão do tribunal. “Eu estava olhando nas

minhas visões da noite, e eis que vinha nas nuvens do céu um como o filho do homem; e dirigiu-se ao ancião de dias, e o fizeram chegar até ele. E foi-lhe dado o domínio, e a honra, e o reino, para que todos os povos, nações e línguas o servissem; o seu domínio é um domínio eterno, que não passará, e o seu reino tal, que não será destruído” (Daniel 7:13,14).

O próprio Cristo, o Filho do Homem, vem diante do tribunal, ele vem defender seu povo perseguido e oprimido pelo poder do chifre pequeno. Cristo se identifica com seu povo, ele interfere pessoalmente em seu destino e defende o seu direito.

“Mas os santos do Altíssimo receberão o reino, e o possuirão para todo o sempre, e de eternidade em eternidade” (Daniel 7:18).

“E o reino, e o domínio, e a majestade dos reinos debaixo de todo o céu serão dados ao povo dos santos do Altíssimo; o seu reino será um reino eterno, e todos os domínios o servirão, e lhe obedecerão” (Daniel 7:27).

CONCLUSÃO

Deus sempre vê o sofrimento de seu povo. Ele sente como “a menina de seus olhos” (Zac. 2:8). Ele sofre junto e aguarda o dia em que retribuirá a cada um segundo as suas obras (Apoc. 20:12).

Deus vê também o seu sofrimento pessoal, ele conhece as suas lutas, seus problemas com os filhos, o marido difícil, a falta de recursos financeiros. Ele sente a sua depressão e problemas psicológicos, vê as suas dificuldades e promete estar com você em todos os momentos. Promete mais, pro-

mete que um dia você estará com Ele, sendo um Rei ou Rainha e viverá a eternidade ao seu lado.

Que maravilhoso saber que Deus está no comando da história e julgará o mundo concedendo a vitória eterna ao povo de Deus fiel à Sua Palavra. Com essa certeza podemos confiar no Amor de Deus e que em breve Jesus voltará para inaugurar Seu reino que durará por toda eternidade.



DEUS E OS INIMIGOS DE SEU POVO

DANIEL 8 (1ª. PARTE)

INTRODUÇÃO

Como vimos ontem, as profecias de Daniel são paralelas, isto é, elas repetem o seu significado embora utilizem símbolos diferentes. O capítulo 8 de Daniel está visceralmente ligado ao capítulo 7, e o 7 ligado ao capítulo 2. Há muitas semelhanças entre o 7 e o 8. Por exemplo, há um chifre pequeno nas duas visões, e eles praticam as mesmas ações. Outras coincidências são o uso de animais para representar as nações e um anjo que vem explicar as visões. Há também significativas diferenças. Estas diferenças servem para enfatizar pontos específicos das duas visões. Veremos estas diferenças em breve.

Esta visão é datada de dois anos após a anterior e é a segunda visão dada diretamente para Daniel. O mesmo Daniel menciona “depois daquela que eu havia tido antes”, o que é mais um fato que une esses dois capítulos. O terceiro

ano de Belsazar, corresponde a 548/547 a.C., faltando menos de uma década para a queda de Babilônia, por esta razão Deus não colocou Babilônia na visão.

Essa visão começa um novo ciclo no livro, enquanto Daniel escreveu os capítulos 2-7 em aramaico, a língua de Babilônia, este capítulo está registrado em hebraico, a língua do povo de Deus, sugerindo que a sua mensagem não é tão universal e não se destina aos incrédulos. Esta visão é mais íntima e revela detalhes especialmente ao povo de Deus. De acordo com a estrutura da seção aramaica percebemos que a mensagem desta seção mostra o destino de Babilônia e, particularmente, o seu rei (caps. 4 e 5), e a seção hebraica que começa aqui mostra o destino do povo de Deus, e particularmente de seu Rei, o Messias (capítulo 9).

I. A VISÃO DO BODE E DO CARNEIRO. (DANIEL 8:1-6)

“E vi na visão; e sucedeu que, quando vi, eu estava na cidadela de Susã, na província de Elão; vi, pois, na visão, que eu estava junto ao rio Ulai. E levantei os meus olhos, e vi, e eis que um carneiro estava diante do rio, o qual tinha dois chifres; e os dois chifres eram altos, mas um era mais alto do que o outro; e o mais alto subiu por último. Vi que o carneiro dava marradas para o ocidente, e para o norte e para o sul; e nenhum dos animais lhe podia resistir; nem havia quem pudesse livrar-se da sua mão; e ele fazia conforme a sua vontade, e se engrandecia. E, estando eu considerando, eis que um bode vinha do ocidente sobre toda a terra, mas sem tocar no chão; e aquele bode tinha um chifre insigne entre os olhos. E dirigiu-se ao carneiro que tinha os dois chifres, ao qual eu tinha visto em pé diante do rio, e correu contra ele no ímpeto da sua força. E vi-o chegar perto do carneiro, enfurecido contra ele, e ferindo-o quebrou-lhe os dois chi-

fres, pois não havia força no carneiro para lhe resistir, e o bode o lançou por terra, e o pisou aos pés; não houve quem pudesse livrar o carneiro da sua mão. E o bode se engrandeceu sobremaneira; mas, estando na sua maior força, aquele grande chifre foi quebrado; e no seu lugar subiram outros quatro também insígnies, para os quatro ventos do céu” (Daniel 8:2-8).

A grande diferença entre os dois capítulos (7 e 8) está nos animais que aparecem, e há uma razão para isto. No capítulo anterior, os animais são predadores, considerados imundos na cultura judaica. Já os animais do capítulo 8 são limpos, mas do que isto, são animais usados nos rituais de adoração do santuário. Especificamente eram animais utilizados em uma das mais sagradas festividades israelitas, o chamado Yom Kippur, ou Dia da Expição, descrito em Levítico 16 onde eram sacrificados tanto um carneiro como um bode. Há uma motivação bem clara para ser assim. O foco deste capítulo está no santuário, seus ritos e seus participantes. Desde o começo Deus mostra qual é a ênfase.

A. O primeiro animal que aparece é um carneiro. Nesta visão Deus ignora a Babilônia e inicia a visão já com a Medo-Pérsia. Por isto Daniel se vê junto a capital do império Medo-Persa, Susã. O Carneiro avança para o Oeste, o Norte e o Sul, logo, ele provém do Leste. O império Medo-Persa era o que tinha sua sede mais ao oriente dos quatro retratados em Daniel. Há uma explicação lógica para os chifres. Um é maior do que o outro, os Persas eram maiores que os Medos, e a afirmação “o maior surgiu por último”, é uma descrição histórica destes povos. Os medos já eram fortes muitos séculos antes de os persas se tornarem um forte povo. Mas os persas os superaram e tornaram-se predominantes na região e em sua aliança com os medos.

A interpretação fica bastante facilitada porque o próprio Anjo diz o nome do império:

“Aquele carneiro que viste com dois chifres são os reis da Média e da Pérsia.” Daniel 8:20

- B. O próximo animal visto é um bode peludo. Ele vem do ocidente sem tocar o chão. Isto indica rapidez, a mesma rapidez que também é simbolizada no leopardo de quatro asas do capítulo 7. Estes dois animais representam o mesmo império, o da Grécia. A Grécia superou a Medo-Pérsia em 331 a.C. e tornou-se a grande potência mundial. O “chifre grande no meio da testa” é uma referência ao seu grande conquistador Alexandre o Grande. em dez anos Alexandre fez conquistas desde o Mar Egeu até as montanhas da Índia. Não pode, no entanto, governar o vasto império conquistado. Na celebração de vitória ele morreu e, depois de alguma disputa, seu legado foi dividido entre seus quatro generais, Lisímaco, Cassandro, Ptolomeu e Seleuco que são simbolizados pelos quatro chifres que subiram quando o grande chifre foi quebrado.

Diz o Anjo a Daniel:

“Mas o bode peludo é o rei da Grécia; e o grande chifre que tinha entre os olhos é o primeiro rei; O ter sido quebrado, levantando-se quatro em lugar dele, significa que quatro reinos se levantarão da mesma nação, mas não com a força dele.” Daniel 8:21,22

- C. Temos até aqui a mesma sequência da Estátua do capítulo 2 e dos animais do capítulo 7, excetuando-se a Babilônia que é excluída desta visão.

II. O CHIFRE PEQUENO. (DANIEL 8:9-14)

- A. O texto da Almeida Revista e Atualizada 2ª edição, diz que de um dos chifres saiu um chifre pequeno. Isto representaria que o chifre pequeno sai de um dos quatro reinos que surgiram do império grego. O texto original hebraico, no entanto, não contém a palavra chifre, diz apenas “de um deles”. Outras versões como a Almeida Fiel e a Nova Versão Internacional traduzem apenas “de um deles” sendo assim mais fiéis ao texto original.
- B. Precisamos analisar de onde provém o chifre pequeno, vejamos o texto:

O bode tornou-se muito grande, mas no auge da sua força o seu grande chifre foi quebrado, e em seu lugar cresceram quatro chifres enormes, na direção dos quatro ventos dos céus. De um deles saiu um outro chifre, que começou pequeno, mas cresceu em poder na direção do sul, do leste e da Terra Magnífica. Daniel 8:8,9 (NVI)

Notamos que o antecedente mais próximo é “quatro ventos do céu”, logo, o chifre pequeno vem de um dos quatro ventos do céu, isto é, de um dos pontos cardeais, e não de outro chifre. Para identificarmos de que ponto cardinal o chifre provém, precisamos analisar para onde ele avança. O texto afirma que o chifre cresce para o oriente (leste), o sul e a terra gloriosa. A palavra gloriosa em hebraico é tseby, é bastante semelhante a palavra norte, tsafon. Talvez o profeta estivesse fazendo um trocadilho ou usando uma linguagem antiga para se referir ao Norte. Assim, o chifre cresce para o sul, o norte e o leste, podemos então com certeza dizer que ele vem do Oeste.

- C. De todos os impérios tratados, o que tinha sua capital mais ao oeste era o Império Romano. Nesta compreensão também mantemos a coerência com as outras visões de Daniel e sua interpretação na sequência dos grandes impérios mundiais. Há dois momentos de Roma descritos nos versículos 9 e 10. Em um primeiro momento Roma se estende sobre o mundo de forma horizontal, conquistando outras nações e territórios. Mas no versículo 10 ela passa a crescer em um sentido vertical, lutando agora contra Deus e Seu povo.
- D. O “exército do céu” ou “estrelas do céu” na Bíblia representam os anjos não caídos, ou o povo de Deus nesta terra. Neste caso, refere-se apenas aos batalhões terrestres dos santos, pela interpretação que faz o anjo: “Mas, no fim do reinado deles, quando os transgressores tiverem chegado ao cúmulo, levantar-se-á um rei, feroz de semblante e que entende enigmas..., e destruirá os poderosos e o povo santo”. Dan. 8.23-24. Ou seja: “o exército do céu..., E as estrelas” do vers.10 são interpretadas pelo anjo como o “povo santo”.

Além disso, o anjo intérprete em Daniel capítulo 12 refere-se ao povo de Deus com estas palavras: “mas naquele tempo livrar-se-á o teu povo, todo aquele que for achado escrito no livro... Os que forem sábios, pois, resplandecerão como o fulgor do firmamento; e os que converterem a muitos para a justiça, como as estrelas sempre e eternamente”. (Dan. 12.1,3). Portanto, o exército celestial, ou as estrelas do céu representam o povo de Deus que foi perseguido pelo chifre pequeno. Desta maneira, há semelhanças entre o chifre de Daniel 7 com Daniel 8.

- E. A história confirma essa continuidade entre as duas Romas. Em 538 o bispo de Roma ocupou o trono de Roma, anteriormente ocupado pelo Césares no século IV; a Igreja adotou o sobrenome “Romana” e o papado foi instituído pela autoridade de Constantino; a Igreja preservou o direito romano e a língua romana (latim). A crueldade do Império também continuou na Idade Média, através da “Santa Inquisição”; deuses romanos eram mantidos no cristianismo paganizado como santos e na própria Sé Romana há imagens de deuses romanos a quem foram dados posteriormente nomes de apóstolos.

III. O PRÍNCIPE DO EXÉRCITO E O CHIFRE PEQUENO

- A. E quem seria o Príncipe do Exército, vejamos o que a Bíblia diz:

Jos. 5.13-15: “E sucedeu que, estando Josué perto de Jericó, olhou para cima e viu um homem na frente dele com uma espada desembainhada na mão. Josué foi até ele e disse: - Você é a favor de nós ou dos nossos inimigos? - Não - disse ele -, mas vim como comandante do exército do Senhor. Josué caiu no chão com o rosto, adorando-o e disse: - Que diz meu Senhor ao seu servo? O comandante do exército do Senhor disse a Josué: - Tire os sapatos dos pés, porque o lugar em que estás é santo. E fez Josué assim”.

Se o exército das estrelas é o povo de Deus na terra, o Príncipe do Exército é o próprio Jesus Cristo. O mesmo que apareceu a Josué e ajudou seu povo a conquistar Canaã.

- B. Quais são as atitudes que o chifre pequeno desempenha no capítulo 8?

*“Cresceu até alcançar o exército dos céus, e atirou na terra alguns componentes do exército das estrelas e espisoteou. Tanto cresceu que chegou a desafiar o príncipe do exército; suprimiu o sacrifício diário oferecido ao príncipe, e o local do santuário foi destruído. Por causa da rebelião, o exército dos santos e o sacrifício diário foram dados ao chifre. Ele tinha êxito em tudo o que fazia, e a verdade foi lançada por terra.”
Daniel 8:10-12*

*“No final do reinado deles, quando a rebelião dos ímpios tiver chegado ao máximo, surgirá um rei de duro semblante, mestre em astúcias. Ele se tornará muito forte, mas não pelo seu próprio poder. Provocará devastações terríveis e será bem sucedido em tudo o que fizer. Destruirá os homens poderosos e o povo santo. Com o intuito de prosperar, ele enganará a muitos, e se considerará superior aos outros. Destruirá muitos que nele confiam e se insurgirá contra o Príncipe dos príncipes. Apesar disso, ele será destruído, mas não pelo poder dos homens.”
Daniel 8:23-25*

Então o chifre pequeno:

- Destrói e pisa o povo de Deus.
- Se volta contra o Príncipe do Exército ou Príncipe dos Príncipes.
- Interfere no “Sacrifício Diário” e no trabalho do Santuário.
- Recebe autoridade para perseguir o povo de Deus e o seu Príncipe.

- Tem também autoridade sobre homens poderosos.
 - Usa de astúcia e engano para alcançar seus objetivos.
 - Manda por terra a verdade e prospera no que faz.
- C. Muitas destas características são repetições da sua descrição no capítulo 7. persegue o povo de Deus e tenta destruí-lo. O que vemos mais uma vez é que em suas ações o chifre pequeno mais uma vez se enquadra com as características da Igreja da Idade Média. Poderosa e que se impunha aos homens poderosos da época usava de todos os artifícios para manter seu poder e autoridade. Perseguia em nome de Deus e mandava torturar e matar a todos os que discordavam de sua posição oficial.

O site do canal History apresenta algumas das histórias desta época, por exemplo:

- O Papa Sérgio III (904-911) é apontado pelos seus próprios cardeais como “o escravo de todos os vícios”, chegou ao trono vaticano após matar seu antecessor, Leão V. Teve como amantes a esposa do senador e chefe militar de Roma, Teofilacto I, e também sua filha, uma prostituta adolescente chamada Marozia, com quem gerou um filho legítimo: ninguém menos que o seu sucessor, João XI. Começava assim o período papal conhecido na História como “pornocracia”.
- Bonifácio VIII (1294-1303). Segundo historiadores, como Chamberlain, este papa praticou a simonia (venda de favores e objetos religiosos) e o nepotismo (preferência para a concessão de cargos aos familiares dentro da instituição). Outro historiador, Durant, assegura que Bonifácio praticou bruxaria, chamou Jesus Cristo de “hipócrita”, disse ser ateu, negou a

vida futura e foi um perverso pedófilo. O próprio Dante reservou a ele um lugar no inferno da Divina Comédia (Canto XIX), sem mesmo ele ter morrido.

Estas histórias tristes apresentam um relato da difícil situação em que se encontrava a igreja no período que começou em 538 e foi até 1798. Em sua onisciência Deus já havia previsto que a Igreja Cristã oficial chegaria tão baixo a ponto de definitivamente deixar de ser controlada por Deus e lutar contra a verdade, o povo de Deus e o próprio Jesus Cristo. Infelizmente Deus não pode mais trabalhar com esta igreja e precisou levantar Reformadores para restaurassem a verdade que estava sendo perdida.

CONCLUSÃO

É interessante notar que o chifre pequeno iria destruir a muitos que vivem despreocupadamente em aparente segurança (Dan. 8:25). Estes que vivem despreocupadamente são aqueles que não se importam com as coisas celestiais, que não tem o Reino de Deus como o principal em sua vida. Aqueles que vivem em segurança são os que temem se afastar de sua zona de conforto e não buscam o pleno conhecimento da verdade.

*E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.
João 8:32*

Devemos nos ocupar das coisas do céu, do mundo espiritual, não necessitamos hoje de buscar coisas materiais ou nos acomodar com pouca ou nenhuma verdade. Nosso amado salvador está clamando.

Se vivermos hoje despreocupadamente e em suposta segurança, seremos com certeza vítimas deste terrível vilão, inimigo de Deus e seu povo, chamado Chifre Pequenos, e seremos destruídos por ele.

Portanto, não vos inquieteis, dizendo: Que havemos de comer? ou: Que havemos de beber? ou: Com que nos havemos de vestir? Pois a todas estas coisas os gentios procuram. Porque vosso Pai celestial sabe que precisais de tudo isso. Mas buscai primeiro o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas. Mateus 6:31-33



DEUS E SEU SANTUÁRIO

DANIEL 8 (2ª PARTE)

INTRODUÇÃO

O foco do capítulo 8 está mesmo no santuário e suas atividades. Desde o princípio da visão, Deus está procurando mostrar ao profeta e a nós a importante lição do Santuário. É ali que Deus e seu Filho Jesus Cristo escolheram lidar com o problema do pecado para solucioná-lo.

É neste importante capítulo bíblico que nós somos levados a realidades eternas, que o véu entre o que acontece nas cortes celestiais é retirado e temos a clara noção de como tudo isto interfere em nossa vida aqui neste pequeno planeta.

Vamos utilizar alguns momentos nesta noite para desvendar os segredos das realidades Celestiais e entender o que isto significa para a nossa vida.

I. O SACRIFÍCIO DIÁRIO E A ABOMINAÇÃO DESOLADORA.

- A. O texto bíblico afirma que o chifre pequeno interferiria no “sacrifício diário” e que lançaria por terra o lugar do seu Santuário. Precisamos identificar agora o que é o Sacrifício Diário e o que é a Abominação Desoladora posta em seu lugar.

Então ouvi dois anjos conversando, e um deles perguntou ao outro: “Quanto tempo durarão os acontecimentos anunciados por essa visão? Até quando será suprimido o sacrifício diário e a abominação devastadora prevalecerá? Até quando o santuário e o exército ficarão entregues ao poder do chifre e serão pisoteados? “Ele me disse: “Isso tudo levará duas mil e trezentas tardes e manhã; então o santuário será reconsagrado”. Daniel 8:13,14

No original hebraico a palavra sacrifício não aparece, ela é posta em nossa tradução para buscar dar sentido ao texto. Em hebraico temos apenas a palavra TAMID que significa “contínuo” no sentido de “periódico”. Esta palavra é usada muitas vezes no Antigo Testamento para falar dos trabalhos executados no Santuário todos os dias.

- (1) Os sacrifícios diários: Núm. 28.1-4.
- (2) O candelabro: Lev. 24.1-4.
- (3) O pão da mesa: Lev. 24. 5-9.
- (4) O altar do incenso: Êxo. 30.1-8.
- (5) A roupa de Arão: Êxo. 28.29-30.

Enfim, todo o serviço executado no Lugar Santo era chamado de TAMID, quer dizer contínuo ou diário. Por sua vez, o trabalho executado no Lugar Santo estava ligado ao perdão dos pecados. O Sacerdote sacrificava todos os dias o holocausto e levava parte do sangue do sacrifício para dentro do Santuário, simbolicamente transferindo o pecado do pecador para o Santuário.

- B. Mas como o chifre pequeno poderia interferir no trabalho do santuário? Como já vimos, o chifre pequeno é a Igreja da Idade Média. Neste período não havia mais Santuário na Terra, já que este havia sido destruído no ano 70 d.C juntamente com Jerusalém pelos exércitos romanos. O Santuário então não poderia ser este. Mas qual então? Encontraremos a resposta no livro de Hebreus.

“Ora, o essencial das coisas que temos dito é que possuímos tal sumo sacerdote, que se assentou à destra do trono da Majestade nos céus, como ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, não o homem” Hebreus 8:1, 2).

Duas verdades emergem deste versículo, há um Santuário no Céu e quem o erigiu foi Deus, Jesus Cristo é o Sumo-Sacerdote deste Santuário. Outros versículos bíblicos confirmam a realidade do Santuário celestial:

“E me fareis um santuário para que eu possa habitar no meio deles. Segundo tudo o que eu te mostrar para modelo do tabernáculo, e para modelo de todos os seus móveis, assim mesmo o fareis” (Êx 25:8, 9).

“Abriu-se, então, o santuário de Deus que se acha no céu, e foi vista a Arca da Aliança no seu santuário, e sobrevieram relâmpagos, vozes, trovões, terremoto e grande saraivada” (Apocalipse 11:19)

- C. O livro de Hebreus contrasta o Santuário Celestial com o Santuário terrestre, e claramente mostra que o Santuário Celestial é superior aquele construído por Moisés ou Salomão. Da mesma sorte, os rituais praticados no tabernáculo terrestre eram também baseados em cerimônias celestiais, sendo estas últimas também superiores.

“Ora, se ele estivesse na terra, nem mesmo sacerdote seria, visto existirem aqueles que oferecem os dons segundo a lei, os quais ministram em figura e sombra das coisas celestes, assim como foi Moisés divinamente instruído, quando estava para construir o tabernáculo; pois diz ele: Vê que faças todas as coisas de acordo com o modelo que te foi mostrado no monte. Agora, com efeito, obtive Jesus ministério tanto mais excelente, quanto é ele também Mediador de superior aliança instituída com base em superiores promessas.” (Hebreus 8:4-6).

“Quando, porém, veio Cristo como sumo sacerdote dos bens já realizados, mediante o maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos, quer dizer, não desta criação, não por meio de sangue de bodes e de bezerrinhos, mas pelo seu próprio sangue, entrou no Santo dos Santos, uma vez por todas, tendo obtido eterna redenção. Portanto, se o sangue de bodes e de touros e a cinza de uma novilha, aspergidos sobre os contaminados, os santificam, quanto à purificação da carne, muito mais o sangue de Cristo, que, pelo Espírito eterno, a si mesmo se ofereceu sem mácula a Deus, purificará a nossa consciência de obras mortas, para servirmos ao Deus vivo!” (Hebreus 9:11-14).

“Porque Cristo não entrou em santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, porém no mesmo céu, para comparecer, agora, por nós, diante de Deus” (Hebreus 9:24).

- D. Quando Cristo subiu aos Céus após a ascensão, entrou no Santuário e passou a ministrar nele como Sumo-Sacerdote, intercedendo pelos homens no perdão de seus pecados, na semelhança do que acontecia no santuário terrestre. Cristo está continuamente (TAMID) perdoando pecados que lhe são confessados.

“Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados, e nos purificar de toda a injustiça” (1 João 1:9).

“Meus filhinhos, estas coisas vos escrevo, para que não pequeis; e, se alguém pecar, temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo” (1 João 2:1).

- D. Houve, porém, uma interferência no trabalho de Cristo no seu Santuário, e esta foi feita pelo chifre pequeno conforme a profecia predizia. Como isto é possível? Há uma doutrina católica que limita o trabalho de Cristo, a chamada “Confissão Auricular”. Oficializada pela Igreja no Concílio de Latrão em 1215, mas já usada vastamente anteriormente, a doutrina da confissão faz as pessoas confessarem seus pecados para outros seres humanos, e não a Cristo. Desta forma, a Igreja usurpa a autoridade de Cristo e somente dele, de perdoar pecados.

“Porque há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem” (1 Timóteo 2:5).

A ninguém Deus concedeu autoridade para perdoar pecados, nem a Igreja nem seus sacerdotes tem este direito. Durante a Idade Média, quando existia apenas uma forma de Cristianismo administrado por Roma, todas as pessoas eram ensinadas a pedir perdão aos sacerdotes, e isto influenciou diretamente no trabalho de Cristo em seu Santuário.

- E. Agora que compreendemos isto, podemos entender o que significa “o sacrifício diário” sendo retirado e em seu lugar posta uma “abominação desoladora”. O diário – TAMID – (lembre-se que a palavra sacrifício não está no original) simboliza a verdadeira religião centralizada em Cristo e no perdão dos pecados confessados diretamente a Deus em nome de Jesus. Por outro lado, a “abominação desoladora” é a falsa religião que ensina o perdão dos pecados com a intercessão humana e a oração para outros seres humanos, conhecidos como santos.

II. A RESPOSTA AO PROBLEMA

- A. Um Anjo faz uma pergunta a outro Anjo:

“Até quando durará a visão do sacrifício diário e da transgressão assoladora, visão na qual é entregue o santuário e o exército, a fim de serem pisados?” Dan. 8:13

- B. A visão era terrível e assustadora. Notem que existem três perguntas em uma: (1) até quando o “contínuo” será suplantado pela “abominação desoladora”; (2) até quando o santuário será pisado pelo chifre pequeno e (2) até quando o povo de Deus seria pisado também pelo chifre pequeno. Isto é, até quando a falsa religião se manteria predominante, o trabalho de Cristo em seu Santuário seria atrapalhado e o povo de Deus seria perseguido.

- C. A resposta dada pelo outro Anjo, no entanto, foi apenas uma:

“Até duas mil e trezentas tardes e manhãs e o Santuário será purificado” Dan. 8:14

A pergunta envolve algumas questões que precisam ser respondidas. Existe a profanação do santuário pelo

chifre pequeno, também a ab-rogação, a introdução de impureza no santuário e a queda do povo de Deus representado pelos exércitos marchando insensivelmente sobre ele e o santuário.

- D. O segredo da resposta está na palavra aqui traduzida como “purificado”. No hebraico a palavra usada é NIS-DAQ, uma forma verbal (niphal) do verbo SDQ, tsadiq. Em sua raiz original, o verbo tem o sentido de “ser justo”, “justificar”. Seu significado ampliado é “ser puro”, “limpo”, “íntegro”, “reto”, “absolvido”, “restaurar”, “vindicar” e mesmo “piedoso” e “virtuoso”. Precisamos nos lembrar que o hebraico bíblico possui 3.000 palavras, enquanto uma pessoa moderna na média fala em torno de 9.000 palavras diferentes, e as pessoas cultas 15.000. Portanto, uma única palavra em hebraico pode conter dezenas de significados. Este é o caso de tsadiq.
- E. A resposta do Anjo envolve várias condições que necessitariam de conserto. O povo de Deus precisaria deixar de ser pisado pelo chifre pequeno, e isto efetivamente aconteceu em 1798 quando o general Berthier prendeu o líder da igreja e o levou para a França em exílio. O “contínuo” deveria tomar o lugar da abominação desoladora. Em 1517 teve início a reforma que lutaria pela restauração da verdade e o fim da confissão auricular, mas foi em 1844 que um movimento de restauração levantado por Deus se preocuparia com a própria doutrina do Santuário a tanto tempo relegada no Cristianismo.
- F. Finalmente, o Santuário precisaria ser limpo. Já entendemos que o Santuário descrito em Daniel 8 é o Santuário do Céu. A pergunta que fazemos então é: pode algo estar contaminado no Céu para que precise ser limpo ou

purificado? A resposta mais uma vez encontramos no livro de Hebreus:

E quase todas as coisas, segundo a lei, se purificam com sangue; e sem derramamento de sangue não há remissão. De sorte que era bem necessário que as figuras das coisas que estão no céu assim se purificassem; mas as próprias coisas celestiais com sacrifícios melhores do que estes. Hebreus 9:22,23

Notem como texto afirma que as coisas da terra, sombras das celestiais, se purificavam com o sangue de animais, mas as COISAS CELESTIAIS, com sacrifícios superiores, isto é, o sacrifício de Cristo e Seu sangue. Assim, entendemos que coisas celestiais necessitam também de purificação pois estão de alguma forma corrompidas ou sujas. Mas como isto é possível? Você com certeza já passou por uma banca de jornal ou revistas e roborizou diante do que está ali exposto. Pornografia, violência, crimes degradantes estão ostentados todos os dias em diários e outras publicações. Você também já parou de ler um livro porque seu conteúdo se tornou impróprio e proibiu mesmo seus filhos de lerem ou verem algumas coisas, mesmo verídicas. Todas estas histórias e fatos estão registradas nos livros celestiais.

Diz o salmista: “Tu contaste as minhas vagueações; põe as minhas lágrimas no Teu odre; não estão elas no Teu livro?” (Sal. 56:8).

“Eis que está escrito diante de Mim: ... as vossas iniquidades, e juntamente as iniquidades de vossos pais, diz o Senhor.” (Isa. 65:6 e 7).

Diz o profeta Daniel: “Assentou-se o juízo, e abriram-se os livros” (Dan. 7:10).

O escritor do Apocalipse, descrevendo a mesma cena, acrescenta: “Abriu-se outro livro, que é o da vida; e os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras” (Apoc. 20:12).

III. O DIA DA EXPIAÇÃO E O JUÍZO INVESTIGATIVO

- A. Todos os horríveis pecados cometidos pela humanidade estão registrados nos livros celestes, sujando e contaminando o Santuário que lá se encontra. Na terra, quando havia aqui o Santuário, a purificação do mesmo acontecia no conhecido Yom Kippur, ou dia da expiação ou perdão. Neste dia o Sumo-Sacerdote entrava no Santuário e fazia expiação pelo povo e pelo santuário.
- B. Durante todo o ano os pecados do povo eram acumulados simbolicamente no tabernáculo ao levar o Sacerdote o sangue de sacrifícios que tinham sido feitos com a confissão de pecados na cabeça do animal sacrificado. Estes pecados ficavam assim “registrados” no Santuário e precisavam ser limpos. Esta era a cerimônia que acontecia apenas uma única vez ao ano, quando o Sumo Sacerdote adrentava (unicamente neste dia) no Santo dos Santos, na presença direta de Deus. Era o sangue do “bode para o Senhor” que fazia a purificação dos pecados.

Depois degolará o bode, da expiação, que será pelo povo, e trará o seu sangue para dentro do véu; e fará com o seu sangue como fez com o sangue do novilho, e o espargirá sobre o propiciatório, e perante a face do propiciatório. Assim fará expiação pelo santuário por causa das imundícias dos filhos de Israel e das suas transgressões, e detendo os seus pecados; e assim fará para a tenda da congregação que reside com eles no meio das suas imundícias. Levítico 16:15,16

- C. Entendemos então que em alguma data passados as 2.300 tardes e manhãs, o dia do Yom Kippur teria início no Santuário Celestial. Os pecados do povo de Deus seriam apagados definitivamente dos registros, vindicando ou dando vida ao povo de Deus através do sangue de Cristo que limpa todo o pecado confessado. Jesus está, portanto, salvando seu povo do castigo final que acometerá o chifre pequeno e todos os inimigos de Deus.
- D. Este é o significado do alguns chamam de Juízo Investigativo. Diante de todo o Universo Deus está fazendo justiça para seu povo, tantos que foram mortos ou perseguidos, sofreram privações e maus tratos estão agora sendo vindicados por Deus, e o Santuário está sendo purificado. Quando este julgamento estiver terminado, Jesus virá nas nuvens do Céus para retribuir a cada um segundo as suas obras (Apo. 22:13).

Também nós teremos nossos nomes passados ali no tribunal de Deus. Mas não devemos temer “porque nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus”. Romanos 8:1. Devemos buscar andar no Espírito e entregar nossa a Cristo todos os dias. “Temei a Deus, e dai-lhe glória; porque é vinda a hora do seu juízo. E adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas” (Apo. 14:7) deve ser o mote de nossa vida hoje.

CONCLUSÃO

Que maravilhosa mensagem de esperança. Cristo, meu amado Salvador, está diante do Pai intercedendo por mim e limpando os meus pecados (Mat. 10:32). Não precisamos temer, nosso amigo está nos Céus intercedendo por nós (João 15:15). Nunca se esqueçam de suas promessas:

“Meus filhinhos, estas coisas vos escrevo, para que não pequeis; e, se alguém pecar, temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo” (1 João 2:1).

Lá diante do Pai temos o maior de todos os Advogados. Nosso Salvador Jesus Cristo que se compadece de nós. Que este juízo logo possa terminar e possamos ver realizado nosso maior desejo, a bendita esperança de sua volta.

“Aquele que testifica estas coisas diz: Certamente cedo venho. Amém. Ora vem, Senhor Jesus” (Apocalipse 22:20).

MARANATA, VEM SENHOR JESUS!

ATÉ QUANDO SENHOR?

DANIEL 9

INTRODUÇÃO

Já passou por alguma dificuldade de saúde que o levou a contrair uma doença? e depois de exames e um longo tratamento parecia que suas forças não iriam suportar tamanho sofrimento? Então você perguntou para Deus: Senhor até quando?

Ou estava numa situação de isolamento, longe de casa, dos amigos, sem dinheiro; passando provas e você se perguntou: Senhor até quando? Ou depois de anos de juntar um patrimônio você entra num negócio e com pouco tempo percebe que foi vítima de um golpe, perdendo todos seus bens e ficando num mar de dívidas ... então você clama e diz: Senhor até quando?

Parece que essa oração de clamor desesperado faz parte do último esforço do ser humano na sua capacidade de resistir diante de alguma coisa ou situação que é maior do que ele.

Por outro lado, muitas vezes nos perguntamos também: até quando? Diante de situações que estão sendo favoráveis e pensamos porquanto tempo esta bonança vai permanecer. Sabemos que no mundo que vivemos a paz e a tranquilidade externa não duram muito tempo.

No capítulo 9 de Daniel encontramos uma das orações mais lindas da Bíblia sagrada. Embora Daniel seja conhecido como um homem de oração, que orava três vezes ao dia (6.10), que recebeu respostas às suas orações que salvaram vidas como no cap.2, inclusive estando disposto a enfrentar os leões famintos antes de suspender sua vida de oração (cap. 6).

De Daniel também somos informados de que abria sua janela e orava em direção a Jerusalém. Mas de todas as orações feitas por Daniel só esta é registrada na íntegra.

I. UMA ORAÇÃO QUE RETRATA O GRANDE CONFLITO

A oração de Daniel nos esclarece o proceder Divino, nosso conflito filosófico entre a vontade de um Deus todo-poderoso e as decisões, vontades e ações humanas. Ao Daniel Orar sobre o destino de seu povo e sua cidade, sabendo o que foi profetizado por Jeremias, e sabendo que é Deus quem “põe e remove reis” significa que ele acredita que a oração pode mudar a história do mundo. Acredita que a atitude humana através da oração desempenha um papel vital no desenvolvimento histórico, e a resposta imediata de Gabriel mostra que a fé de Daniel não é em vão.

Um anjo é enviado para trazer as revelações de Dan. 9 e de Dan.10 a 12 como resposta às orações de Daniel.

Além disso, a oração confessional de Daniel para os pe-

cados de Seu povo mostra que ele entendeu que a contaminação do santuário do cap. 8 não é causada pelo chifre pequeno, mas pelos pecados dos “santos do Altíssimo”.

A purificação do santuário, que é a razão de sua oração e um dos vínculos entre o cap. 8 e 9 refere-se à expiação de seu povo e não a punição do chifre pequeno. De acordo a forma de pensar do efeito para a causa dos antigos orientais, a expiação do cap.9 é a causa da purificação do santuário do cap.8.

A oração de Daniel no capítulo 9 tem como pano de fundo a profecia de Jeremias capítulo 25. A profecia do cap. 25 foi revelada a Jeremias, no mesmo ano em que Daniel foi levado cativo para Babilônia, quando ele era um adolescente. Agora já haviam se passado quase 70 anos:

“Portanto assim diz o Senhor dos exércitos: Visto que não escutastes as minhas palavras eis que eu enviarei, e tomarei a todas as famílias do Norte, diz o Senhor, como também a Nabucodonosor, rei de Babilônia, meu servo, e os trarei sobre esta terra, e sobre os seus moradores, e sobre todas estas nações em redor. E os destruirei totalmente, e farei que sejam objeto de espanto, e de assobio, e de perpétuo opróbrio. E farei cessar dentre eles a voz de gozo e a voz de alegria, a voz do noivo e a voz da noiva, o som das mós e a luz do candeeiro. E toda esta terra virá a ser uma desolação e um espanto; e estas nações servirão ao rei de Babilônia setenta anos. Acontecerá, porém, que quando se cumprirem os setenta anos, castigarei o rei de Babilônia, e esta nação, diz o Senhor, castigando a sua iniquidade, e a terra dos caldeus; farei dela uma desolação perpetua” (Jer. 25.8-12).

Daniel, obediente à condição mencionada na profecia, busca a Deus de todo coração, o Senhor havia dito há quase

60 anos antes em Jeremias 29: 12 “Então me invocareis, e vireis e orareis a mim, e eu vos ouvirei”, e foi exatamente o que ele fez.

Daniel faz uma “confissão” (vers. 4), mas não é uma confissão pessoal, não é só para a sua geração, é uma confissão em nome de todas as pessoas – não só para Judá, mas para Israel, e para todas as gerações anteriores: em representação de todos “nossos reis, a nossos príncipes, e a nossos pais e a todos os povos da terra” (vers. 6), e todos os tipos de pecados. “Pecamos, e cometemos iniquidades, procedemos impiamente, e fomos rebeldes, apartando-nos dos teus preceitos e das tuas ordenanças”. (vers. 5). Os verbos utilizados para o pecado são usados de forma crescente, desde o pecado por ignorância, sem a intenção de virar as costas a Deus¹, embora Daniel evita usar o termo hebraico pesh’á que é o pecado de rebelião ou pecado “a mão levantada” e utiliza a forma exclusiva para descrever o pecado do chifre pequeno (Dan. 8.12, 13, 23), e todos os pecados humanos que levaria o Messias (Dan. 9.24), mas nunca em sua oração intercessora (Dan. 9.4-19).

II. DANIEL COMO SUMO SACERDOTE (DANIEL 9:3 ; 9:18,19)

Neste capítulo Daniel se refere ao livro de Levítico, especialmente ao Dia da Expição. Daniel está humilhado, vestido como um penitente e jejuando.

O único dia de jejum obrigatório no culto hebraico era o Dia da Expição era o dia em que todas as pessoas buscavam o perdão de Deus em penitência e humildade. Como Daniel está pedindo perdão por todo o seu povo ao evocar o

1

sumo sacerdote que em Dia da Expição entrava na Presença de Deus, no lugar mais sagrado, despojado de suas vestes reais, buscando o perdão não só por seus pecados, mas por todas as pessoas e não só para os pecados do momento, mas durante todo o ano.

O papel de Daniel como sumo sacerdote ou mediador de Deus com um receptor humano é visto a partir do primeiro capítulo de Daniel, porque ele não só tem a sabedoria como seus três amigos, mas esta acima deles conforme diz a escritura:

“deu entendimento em toda a visão e sonhos” (Dan. 1.17).

Nos capítulos seguintes confirma-se que as visões e sonhos não foram compreendidos até pelos profissionais da adivinhação, os guardiões “dos segredos dos deuses”, como disse o teólogo Alan Lenzi². O segredo divino é mediado apenas por um instrumento – Daniel – só ele poderia como o sumo sacerdote no lugar santíssimo, entrar na intimidade do segredo divino, outra referência indireta ao Dia da Expição.

A petição de Daniel não é pequena, mas a resposta que traz Gabriel é maior do que Daniel pode imaginar ou entender a resposta definitiva “para cessar a transgressão, para pôr fim ao pecado, para expiar a iniquidade, para trazer a justiça eterna” (Dan. 9.24), não só dos judeus, mas de todas as nações do planeta, e não apenas de Moisés a Daniel, mas desde Adão e Eva até o último pecador que nascerá no futuro, é nada menos que a primeira vinda do “Messias, o Príncipe” para tirar o pecado da humanidade, porque “Messias será cortado, e nada lhe subsistirá” (Dan. 9.26).

2 Alan Lenzi, “Secrecy, Textual Legitimation, and Intercultural Polemics in the Book of Daniel”, *The Catholic Biblical Quarterly*, (Nº 71, 2009), 330.

Daniel tenta tomar o lugar do sumo sacerdote, intercedendo por todo o Seu povo, compartilhando vicariamente pelos pecados de seus irmãos rebeldes, mas ele não é o verdadeiro substituto. O verdadeiro substituto é o Messias.

III. A PROFECIA DA LIBERTAÇÃO DO MESSIAS

Daniel 9 fala sobre uma das profecias, mas abrangentes da Bíblia. Além disso, os caps. 8 e 9 são separados por oito anos, mas Daniel os reúne intencionalmente, porque eles são interdependentes. Se Daniel quisesse seguir uma ordem cronológica, deveria ter colocado o capítulo 7 (primeiro ano de Belsazar), logo o cap. 8 (terceiro ano de Belsazar), então o capítulo 5 (o último ano de Belsazar), em seguida o cap. 6 (organização do governo de Dario), e finalmente o cap. 9 (o primeiro ano de Dario).

Mas Daniel não é desorganizado, ele data as suas narrações e suas revelações. Os capítulos 1 a 4 estão em ordem cronológica e também os capítulos 9 a 12. A única mudança que ele fez foi juntar os capítulos 8 e 9, que implica que o capítulo 8 seria totalmente compreendido com o cap. 9 e que o cap. 9 é o complemento do cap. 8.

Se Daniel tivesse seguido uma ordem estritamente cronológica, assim como o resto de seu livro, teria sido difícil relacionar ambos capítulos.

Daniel espera trazer os 70 anos de libertação para os oprimidos assim como o ano sabático fazia a cada sete anos. Só que os 70 anos, são dez vezes mais do que sete, pois se refere a uma opressão dez vezes maior e uma liberação na mesma proporção superior; dessa maneira Gabriel anuncia uma mensagem que não envolve 70 anos, mas setenta vezes 7.

Sabemos que no pentateuco ao final de um ciclo de 49 anos havia libertação, assim os 490 anos mencionados neste capítulo representam dez ciclos de 49 anos. No Pentateuco temos o princípio que é enunciado “dia por ano”, não só em Num. 14. 34, mas na mesma lei de Jubileu em Lev. 25.8 diz: “Você deverá contar sete semanas de anos, sete vezes de sete anos, de modo que os dias das sete semanas de anos elevam-se a 49 anos”. Não é por acaso que, em Lev. 26 ao mencionar sobre as consequências da desobediência a Deus por seu povo viriam julgamentos e desolação contra Israel (v.14-17) e adicionado ao vers. 18: “Se mesmo com essas coisas não me ouvir, vou castigar-vos sete vezes mais pelos seus pecados” (ver também vers. 21, 24 e 28), considerando que a punição para a apostasia de Israel (cativo) durou 70 anos, sete vezes mais, em seguida, somariam 490 anos ou 70 semanas de anos, o que é revelado em Daniel nos vers.34-35, “Então a terra folgará nos seus sábados, todos os dias da sua assolação, e vós estareis na terra dos vossos inimigos; nesse tempo a terra descansará, e folgará nos seus sábados. Por todos os dias da assolação descansará, pelos dias que não descansou nos vossos sábados, quando nela habitáveis...”

De acordo com Daniel8:13 e 14:

“Então ouvi dois anjos conversando, e um deles perguntou ao outro: “Quanto tempo durarão os acontecimentos anunciados por esta visão? Até quando será suprimido o sacrifício diário e a rebelião devastadora prevalecerá? Até quando o santuário e o exército ficarão entregues ao poder do chifre e serão pisoteados?” Ele me disse: “Isso tudo levará duas mil e trezentas tardes e manhãs; então o santuário será purificado”.

O santuário deveria ser purificado num período de tempo que nós conhecemos como 2300 anos.

A primeira parte desta longa profecia é que o anjo começa a explicar a Daniel a partir do verso 24 a 27. Esta primeira parte é que chamamos da profecia das 70 semanas.

Em profecia entendemos que um dia equivale a um ano de acordo com Números 14:34 e Ezequiel 4:5-7.

Portanto 70 semanas equivalem a 70 vezes sete. Porque uma semana tem 7 dias. O que em profecia se traduz a 490 anos. 69 semanas equivalem a 483 anos. 1 semana equivalem a 7 anos e metade de 1 semana a 3 anos e meio.

Tendo isso em mente vemos que o período começaria com o decreto para restaurar e reconstruir Jerusalém, o que aconteceu em 457 AC por Artaxerxes (Esdras 7:11-26), autorizando legalmente a restauração de Jerusalém e a indicação de seu corpo administrativo.

Gabriel revela que “desde a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém, até ao Messias, o Príncipe, haverá sete semanas, e sessenta e duas semanas” (Dan. 9.25). Sete semanas (49 anos) e 62 semanas (434 anos) total de sessenta e nove das setenta semanas (483 anos) ³, a partir de 457. A.C. chegam a 27 d.C. Esta data nos traz “até ao Messias, o Príncipe”, a palavra grega para Messias é Cristo e em português significa Ungido. Todos os sacerdotes e reis judeus eram ungidos do Senhor, mas este é o Messias Príncipe. Esta profecia não aponta para o nascimento do Messias, mas para o início de seu ministério, quando apareceria publicamente como o Messias.

Se você fizer o calculo das 62 semanas a partir do ano 408 a.C, menos 434 a.C., dará o ano 26 e não 27 a.C. Então porque dizemos que a profecia se cumpre no ano 27d.C. e não no ano 26 d.C.? Lembramos que o Decreto de Artaxerxes (Dan 9:25) acontece no outono de 457a.C. Com isso em mente ,sem esquecer que não existe ano zero, quando calculamos um período de tempo que se estende de uma data antes de Cristo(a.C) para uma data depois de Cristo(d.C), devemos por tanto acrescentar um ano(o decreto de Artaxerxes só completaria um ano no outono de 456 a.C.)

Do ano 27d.C. em diante temos mais uma semana para fechar a profecia. Daniel 9:26 diz que seria morto o Ungido. Tenha em mente que há 7 semanas antes das 62 semanas, totalizando 69 semanas. Cristo morreu pouco depois das 62 semanas, no ano 31d.C , na metade da ultima semana profética que encerra no ano 34 d.C, conforme diz Daniel 9:27 “ Com muitos ele fará uma aliança que durará uma semana. No meio da semana ele dará fim ao sacrifício e à oferta”.

O anjo Gabriel continua interpretando a Daniel e as 70 semanas depois de estabelecer a data de início do ministério de Cristo, diz: “O Messias será removido⁴ (seria assassinado), mas sem culpa (em forma vicária)”. Embora os judeus no tempo de Cristo esperassem um Messias guerreiro, para matar os inimigos de Israel e reinar sobre o trono de Davi, durante muitos anos, Gabriel diz que viria para morrer, e outros profetas já havia predito isso antes de Daniel (Sl 22; Isa. 52.13-53.12). A morte do Messias não seria natural, mas “o Messias seria cortado”, ou seja, ele seria morto.

Note que Jesus cumpriu a “aliança com muitos” “por ser ministério, que durou do ano 27d.C. até 31d.C. Perceba que esse período é de exatamente 3 anos e meio , marcando a

4

metade da semana profética que se estenderia até o ano 34d.C com o apedrejamento de Estevão.

Jesus faz cessar o sacrifício de animais com sua morte, o véu do templo se rasga de cima a baixo. Mostra que o cordeiro de Deus estava expiando o pecado de todos os homens em todos os tempos.

Mas nos falta a segunda metade da septuagésima semana que terminou no ano 34 segundo o vers. 24. As 70 semanas são cortadas ou separadas ou identificadas para o povo judeu e Jerusalém, ou seja, é o tempo da graça para Israel como povo escolhido. O NT confirma que naquele ano os líderes judeus rejeitaram definitivamente a boa notícia do Messias - Jesus de Nazaré matando a Estevão. Se na parábola da vinha e dos lavradores maus (Mat. 21.33-46) Jesus deixou claro que a paciência do Senhor da vinha terminou quando eles mataram seu Filho, então o Senhor viria expulsar a estes lavradores maus e dará a vinha a outro povo: “por isso vos digo, o reino de Deus vos será tirado e será dado a uma nação que produza os seus frutos” (Mat. 21.43)

CONCLUSÃO

Daniel 9 é fundamental para entender a amplitude do perdão e da graça de Deus por todas às pessoas. Ninguém foi tão longe no pecado que Deus não possa trazer de volta se a pessoa permitir. O perdão de Cristo o ungido de Deus é tão absoluto que ele nos liberta das garras do mal e da dívida do pecado.

Cristo não venceu o pecado na Cruz. Ele venceu o pecado durante sua vida pura e perfeita. Ele pagou o pecado na Cruz. Removeu a acusação de morte que pesava sobre cada

ser humano. Hoje podemos ser livres porque Ele nos amou, morreu, ressuscitou e hoje intercede por todos aqueles que o aceitam como Salvador.

Aceite-o hoje também como seu Salvador e comece a viver o reino de Deus aqui na terra.

O Senhor é quem está falando hoje: Até quando Filho? Preciso esperar para você se entregar? Até quando?



DANIEL, UM FILHO DE MIGUEL

DANIEL 10

INTRODUÇÃO

Daniel 10.1 “No ano terceiro de Ciro, rei da Pérsia, foi revelada uma palavra a Daniel, cujo nome se chama Beltesazar, uma palavra verdadeira concernente a um grande conflito; e ele entendeu esta palavra, e teve entendimento da visão”.

Daniel recebe esta revelação no ano 536-535 a.C, quando o povo já está de volta à terra prometida, e começou a restaurar o templo em Jerusalém, o que indica que a oração do capítulo 9 já tinha começado a ser respondida. D. Ford disse: “assim começa nosso capítulo no momento do novo início de Israel. Os 70 anos de punição se passaram e um novo começo está ocorrendo em Jerusalém”. Então, vamos mostrar que este capítulo está intimamente relacionado com o cumprimento de Dan. 8.14, mostrando que o contexto histórico serve de base ao cumprimento escatológico (futuro), mas com a restauração espiritual de Israel

Mas a angústia de Daniel implica que os judeus que voltaram para Jerusalém já estavam vivendo em tempos turbulentos de oposição à restauração do templo (Dan. 9.25b). A menção de Ciro faz alusão à promessa de restauração que acompanha o seu nome (Isa. 44.28-45.1).

Isaías chamou-o de Messias ou Ungido, que é um tipo do Messias, que irá restaurar e libertar o povo santo definitivamente. Neste capítulo, Daniel terá o privilégio de ver o próprio Messias, o libertador de seu povo em glória. A oração de Dan. 9.3-19 trouxe a explicação da primeira parte dos 2.300 dias (70 semanas, 9.24-27) referente a Ciro o libertador. A oração do capítulo (10) traz a revelação da última parte dos 2300 dias, cujo libertador é o Próprio Miguel (Dan. 11-12). A primeira frase é descrita com mais detalhes do que a revelação (Dan. 9); mas este último é descrito com menos detalhes do que a revelação (Dan.10).

I. DIANTE DO DESCONHECIDO: SILÊNCIO E DEPENDÊNCIA DE DEUS

“Naqueles dias eu, Daniel, estava pranteando por três semanas inteiras Nenhuma coisa desejável comi, nem carne nem vinho entraram na minha boca, nem me ungi com unguento, até que se cumpriram as três semanas completas”.

Daniel estava “angustiado” ou de “luto” pela situação que existia em Jerusalém, ele tinha influência com o rei persa, e era o judeu que tinha a posição mais elevada no império, no entanto Daniel chama diretamente Deus, o Rei dos reis, ele sabe que precisa fazer alguma coisa para o seu povo e que se não fizer a história pode ser diferente, de modo que Daniel sabe que a oração pode mudar o curso da história humana e do indivíduo. Daniel é o judeu mais próximo do

rei, mas qualquer filho de Deus está mais perto de Deus do que qualquer monarca terreno.

A penitência de Daniel durou três semanas inteiras, não consistiu comer iguarias, carne, vinho, nem perfumar-se “quatro coisas relacionadas com a alegria de dias festivos”¹, esta linguagem refere-se ao Dia da Expição, um dia de luto e jejum, além de outros detalhes do capítulo.

Deve ter sido doce para Daniel, depois de procurar o entendimento a respeito do Tempo de Dan. 8.14 e fazer parte do movimento que viu o lançamento do remanescente da Babilônia para restaurar o templo. Mas agora é muito amarga a decepção de ver que o que eles pensavam realizar fácil e rapidamente foi detido pelos inimigos de seu povo. Daniel relaciona isso ao seu entendimento, acha que algo não foi compreendido, o que motiva a sua oração e jejum no CAP. 10. A experiência de Daniel, como a de João que come o pequeno livro doce que azedou depois em sua barriga (Apoc. 10.8-10), é uma antecipação do que vai experimentar o remanescente escatológico que iria restaurar o verdadeiro plano de salvação centrado em Cristo e sua obra no verdadeiro santuário celestial.

II. UMA VISÃO INQUIETANTE (MIGUEL) (VERS. 4-8):

“No dia vinte e quatro do primeiro mês, estava eu à borda do grande rio, o Tigre levantei os meus olhos, e olhei, e eis um homem vestido de linho e os seus lombos cingidos com ouro fino de Ufaz;. o seu corpo era como o berilo, e o seu rosto como um relâmpago; os seus olhos eram como tochas de fogo, e os seus braços e os seus pés como o brilho de bronze polido; e a voz das suas palavras como a voz duma multidão. Ora, só eu, Daniel,

1

vi aquela visão; pois os homens que estavam comigo não a viram: não obstante, caiu sobre eles um grande temor, e fugiram para se esconder. Fiquei, pois, eu só a contemplar a grande visão, e não ficou força em mim; desfigurou-se a feição do meu rosto, e não retive força alguma” (Daniel 10:4-8).

A menção do dia vinte quarto do primeiro mês (11 de maio de 535 a.C.) Implica que a Páscoa do dia 14 e a semana dos pães sem levedura do dia 15-21 foram parte do jejum de Daniel. Alguns estudiosos acreditam que a menção do dia 24, em resposta à sua oração e jejum implica que as três semanas de jejum começou no quarto dia do mês e como para os judeus, as semanas completas começavam a partir do primeiro dia da semana e terminava no sábado, sugere que Daniel recebeu a revelação do “grande conflito” em um sábado, o que se pode confirmar com o calendário gregoriano moderno já que 11 de maio de 535 foi um sábado.

As características deste ser celestial estão associadas com a do ser visto por Ezequiel 1. 14-28, cuja presença também é descrito como um “relâmpago” (1.14), o “berilo” (1.16), o “bronze polido” (1, 7, 27), o “fogo” (1.13, 27) e da voz “como uma multidão” (1.24), que Ezequiel identifica como “visão [mar’eh] da semelhança da glória do Senhor” (1.28), diante de quem Ezequiel cai sobre seu rosto, se fortalece e recebe uma “audição” (Eze. 2.1-3). Esta manifestação divina antecipa a Daniel, como fez com Ezequiel, que a explicação que vem (caps.11-12) dos 2.300 dias está relacionado com o dia em que a glória de Deus foi vista sobre a Arca no Dia da Expição. O linho fino usado pelo homem celestial é o vestido comum dos sacerdotes e o sumo sacerdote no Dia da Expição (Lev. 16.4)), mas o cinto de ouro descarta aos sacerdotes, portanto, o Ser visto por Daniel não é outro senão o grande Sumo Sacerdote no Dia da Expição antitípico da Expição ou juízo final.

Em Apocalipse, onde o mesmo ser divino que aparece na última revelação a Daniel volta a aparecer na primeira revelação a João. Todos os teólogos consultados concordam que as características do ser de Dan. 10 são as mesmas do ser de Apoc. 1.13-16, onde viu a um “semelhante ao Filho do homem, vestido de uma roupa até aos pés, e cingido com um cinto de ouro no peito. Sua cabeça e cabelos eram brancos como lã branca, como a neve; seus olhos eram como chama de fogo. Seus pés eram como bronze polido brilhante em uma fornalha, e a sua voz como o som de muitas águas. Na mão direita ele segurava sete estrelas; da sua boca saía uma espada afiada de dois gumes, e seu rosto era como o sol brilha com toda sua força”. A frase traduzida como “roupa que chegava aos pés” na versão JFA, é *podéres* em grego, que é usado na versão grega do Antigo Testamento (LXX) para o vestido do sumo sacerdote (Éxo. 25.6, 7, 28.4)

O ‘Varão’ da visão de Daniel, O guerreiro sobrenatural de Josué e o Sumo Sacerdote celestial de Daniel 8 são a mesma pessoa”, adicione a isso também o “Filho do Homem” de Dan. 7 e Apoc. 1.

III; MIGUEL VENCE O GRANDE CONFLITO

Se a primeira parte da profecia dos 2300 anos , as 70 semanas , mostram o começo da historia do conflito na ultima parte da historia da humanidade . Então o capitulo 10 nos fala do ultimo período da profecia .

De acordo a Daniel 10:13, “Mas o príncipe do reino da Pérsia me resistiu durante vinte e um dias. Então Miguel, um dos príncipes supremos, veio em minha ajuda, pois eu fui impedido de continuar ali com os reis da Pérsia.”

O “príncipe do reino da Pérsia” e “os reis da Pérsia” do vers. 13 não são os mesmos, são reis humanos que reinam visivelmente sobre o império, mas o Príncipe da Pérsia é o príncipe das trevas, um ser espiritual que enfrenta a Gabriel, outro ser espiritual. Vinte e um dias esteve em frente a Gabriel impedindo-o que chegasse a Daniel para responder a sua oração. Daniel orou para que o rei persa, Ciro, não detivera a restauração do templo judaico, mas por trás dele estava o príncipe que governava em seu trono invisível, por isso a decisão do rei estava sendo influenciada por Satanás.

Como dissemos a tradução literal de Dan. 10.14 deveria ser “Porque a visão ainda [será] por dias” ou “porque a visão todavia durará por muitos dias”, o que sugere que os 2.300 dias, cuja a primeira parte já foi explicada a Daniel nas 70 semanas ou 490 dias atingindo a primeira vinda do Messias e seu sacrifício vicário ainda deve continuar por muitos dias.

IV. O PRÍNCIPE DO EXÉRCITO É MIGUEL:

Miguel só é mencionado pelo nome na última visão de Daniel (10-12) em Apocalipse 12 Jud.9 e nos três livros ele é descrito como (a) um ser celestial (não humano), (b) comandando os exércitos de anjos e seres humanos leais a Deus, (c) lutando contra Satanás, (d), e sempre saindo vitorioso.

Em Daniel é chamado de “Príncipe” (em hebraico SAR), além de “Príncipe” (em hebraico Naguid) de Dan. 9.25 e 11.22, a quem é descrito padecendo em contraste com Miguel que sempre está triunfando. Lembre-se também que este SAR celeste foi visto e adorado por Josué (Jos. 5.13-15).

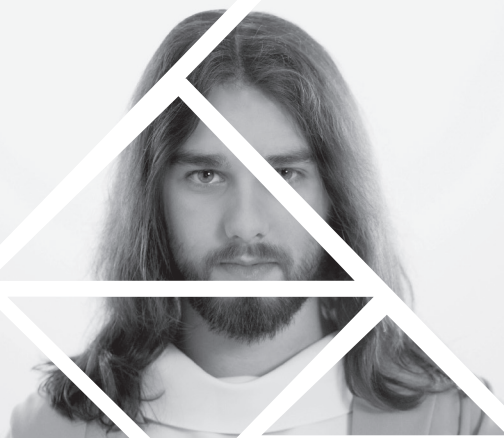
O NT chama Miguel “Arcanjo” (Jud.9), isso coincide com Daniel, pois um Arcanjo significa chefe ou General ou Príncipe dos anjos. Jesus comanda os anjos do céu

CONCLUSÃO

A oração simples de um ancião mudou o curso da história, mobilizou o exército celestial, e produziu uma batalha com repercussões cósmicas. Não é verdade o que alguns dizem “não importa se oramos ou não, afinal Deus sabe de tudo e sempre fará a sua vontade.” Deus permite que o mal impere, a não ser que os filhos de Deus orem.

Miguel que significa: Quem é semelhante a Deus? já ganhou a batalha contra satanás e contra o pecado. Muito em breve sairá do santuário celestial para buscar seus filhos. Aquele que o aceita e se compromete a viver uma vida ao seu lado também é um vencedor. Todo aquele que aceita a justiça de Cristo, se torna um soldado de Miguel e herdeiro do Reino de Deus.

Você aceita?



DE ONDE VIRA MEU SOCORRO? JESUS ESTÁ VINDO!

DANIEL 11

Quem alguma vez não ficou perdido no meio de uma estrada que não conhecia?

Já perdeu tempo por confiar que conhecia o caminho e pegou uma estrada perigosa e engarrafada e perdeu o horário do compromisso agendado?

Hoje com o GPS moveis diminuímos bastante essa tensão de não achar o caminho para chegar num determinado lugar. Inclusive com o passar dos anos redes sociais com GPS como Waze vem sendo usado por milhões de pessoas. Porém, mesmo usando os GPS modernos podemos correr alguns riscos. Faz algum tempo atrás soubemos que um casal usando o Waze, na cidade do Rio de Janeiro, o aplicativo os levou de forma equivocada para uma rua homónima dentro de um bairro extremamente perigoso, onde os dois foram assaltados e mortos.

Situações assim podem acontecer comumente, talvez não com consequências tão trágicas, mas no âmbito espiri-

tual e profético existem muitas pessoas que estão absolutamente perdidas

Lembre-se que Dan. 10 a 12 é uma mesma visão. Uma mar'eh (visão de um ser ou aparição). A visão está associada ao Ser Celestial, Miguel, o Messias antes de sua encarnação e ao anjo Gabriel intérprete em Dan. Cap.10.

Todo o Cap.11 é narrado pelo anjo que está na presença de Miguel igual que Daniel. Daniel, portanto, não está vendo os reis do Norte e do Sul, apenas os ouve; o que os teólogos se referem a este capítulo como uma “audiência” ao invés de uma “visão”.

Aparentemente, por não ser uma visão simbólica, uma “Chazon”, não deveria haver símbolos para interpretar, mas a linguagem deveria ser literal; por exemplo, onde diz o “rei do Norte”, deveríamos entender um “rei” literal e, literalmente que vem do “Norte”.

Quando menciona anos deveríamos entender anos literais (Dan. 11.6, 8, 13). Mas depois da cruz, quando Cristo fez uma nova aliança com um povo novo, o Israel espiritual, devemos entender as expressões “Norte”, “Sul”, “reis” e “tempos” (12.7,11,12), especialmente na forma espiritual ou simbólica. A frase “teu povo” já não é literal, mas espiritual; “rei do Norte” não é Babilônia nem Síria, mas a Babilônia espiritual. Tampouco o “rei do Sul” é o Egito literal, mas espiritual (Apoc. 11.7).

Embora Dan. 11 seja narrado é o Profeta que contempla Cristo em glória, pois tem uma progressão histórica que o leva desde os reis da Pérsia em seu tempo, até a vinda de Miguel, a ressurreição e o reino eterno de Deus. Desta mesma maneira acontece no livro Apocalipse, as sete igrejas devem ser entendidas neste contexto, devem começar com as

igrejas e a situação histórica da época de João, mas deve ter progressão ininterrupta para acabar com a vinda do Filho do Homem nas nuvens (Apoc. 1.7) e a ressurreição que pode efetuar unicamente aquele que têm “as chaves da morte e do Hades” (Apoc. 1.18). Existe um paralelo claro entre Daniel 11 e a visão de João na visão das 7 igrejas.

É importante, mencionar que nesses grandes conflitos históricos Daniel só vê este Ser glorioso e triunfante vestido de linho, como o sumo sacerdote que intercede por seu povo em todos os momentos. Da mesma forma ocorre com João em Apoc. 1-3 mostrando tudo o que ocorre sobre as vicissitudes da Igreja através da história. Ele só vê este Glorioso ser intercedendo por sua igreja, mas não são mostradas as igrejas na visão. A inferência de que o Sumo Sacerdote celestial de Dan. 10-12 começa revelando o destino do Israel literal e muda depois da cruz para o Israel espiritual, a Igreja Cristã, é explícito em sua nova cruzada pós-emergência no Apocalipse, onde João diz “escrever às sete igrejas que estão na Ásia”.

Apocalipse confirma o princípio hermenêutico de que a Bíblia interpreta a si mesma. O rei do Norte ou Babilônia literal já não existia no tempo de João, mas em sua revelação o arqui-inimigo do povo de Deus ainda é Babilônia, mas a Babilônia simbólica (Ap 14.8; 17.5, 18; 18.1 -4, etc.), etc. Assim como Apocalipse ilumina a revelação de Daniel; Daniel estabelece as bases para a compreensão de Apocalipse. Não podemos começar a estudar Apocalipse sem levar em conta o Sumo Sacerdote celestial que apareceu ao final de Daniel.

I. OS REIS DA PÉRSIA (DANIEL 11:2)

“Agora, pois, vou anunciar a você a verdade: Outros três reis aparecerão na Pérsia, e depois virá um quarto rei, que será bem mais rico do que os anteriores. Depois de conquistar o poder com sua riqueza, instigará todos contra o reino da Grécia.

Apenas um versículo (Dan. 11.2) é usado neste longo capítulo para discutir a Pérsia, o que mostra uma redução de informações históricas e um aumento de informações sobre o “tempo do fim”. A declaração “Agora eu vou lhe mostrar a verdade” Dan. 11.2, no original diz: “Eu declaro”, confirmando que Daniel nestes capítulos não irá mostrar os reis e as suas batalhas, mas vai contar o que ouviu dos lábios de Gabriel. O advérbio “agora” conecta mais uma vez com essa revelação anterior em que Gabriel interveio, e deixa claro que a visão do capítulo 8 não está totalmente revelada, porque se diz assim: “agora eu vou lhe dizer a verdade”, relata o anjo.

A visão de Daniel 11 é uma explicação (de Daniel 8) e ela ocorre no 3º ano do rei da Pérsia, Ciro. (Dan. 10:1) E sua incumbência é acompanhar, e interpretar (unicamente) a Daniel 8; ou seja, explica o carneiro, o bode, a ponta pequena e as ações envolvendo essas potências.

Assim sendo: Daniel 8 seria o roteiro; e Daniel 11 a história desmembrada desse roteiro. O capítulo 11 de Daniel é uma interpretação de Daniel 8, não através de animais ou bestas, mas através dos reis persas, dos reis gregos, rei do sul e rei do Norte (desse último é que se deriva a ponta pequena).

Daniel 11 esmiúça a mesma batalha (vista em Daniel 8) entre o carneiro e o bode, acrescentando detalhes. Pois diz

quantos reis a Pérsia teria até se ocorrer tal batalha, e qual dos reis persas (a contar de Ciro) se voltaria contra o reino da Grécia (na batalha) na qual o rei grego venceria. (Dan. 11:2).

Gabriel menciona “três reis na Pérsia, e o quarto”, que “seria muito mais rico do que todos eles” e levantaria “todos contra o reino da Grécia.” Depois da morte de Ciro (550-530 a.C) Veio: Cambises II, (530-522 a.E.C.), Bardiya, um impostor (chamado falso Esmédis), (522 a.C), Dario I Hystaspes (522 a.C 486 a.C), Xerxes (Assuero) (486-465 a.C), marido da rainha Ester.

II. O GRANDE REI DA GRÉCIA (DANIEL 11:3,4)

Daniel 11 após anunciar o mesmo conflito (visto em Daniel 8 entre bode e carneiro) anuncia também a vitória Grega, dizendo:

“Depois se levantará um rei valente, que reinará com grande domínio, e fará o que lhe aprouver.” (Dan. 11:3)

O “rei valente, que reinará com grande domínio, e fará o que lhe aprouver” do verso 3 é Alexandre, o Grande, fundador do Império Greco-macedônio. (336a.C a 323a.C)

“Mas, estando ele em pé, o seu reino será quebrado, e será repartido para os quatro ventos do céu”, diz o vers. 4. É preciso destacar o detalhe que seu reino será “quebrado e dividido” quando “se tenha levantado” e não quando se tenha envelhecido nem quando seja derrotado pela morte prematura e repentina de Alexandre, no seu auge. Os quatro ventos do céu são os quatro pontos cardiais onde se instalaram: Macedônia, Trácia, Síria e Egito dominados pelos quatro generais de Alexandre e as dinastias que os sucederam.

Estes detalhes já haviam sido revelados a Daniel nos caps. 7 e 8, mas são acrescentados mais detalhes em Dan. 11 que impressionam por sua precisão: “mas não será para a sua posteridade, nem tampouco segundo o poder com que reinou, porque o seu reino será desfeito, e será para outros além dele”.

Mas, estando ele em pé, o seu reino será quebrado e será repartido para os quatro ventos do céu; mas não para a sua posteridade, nem tampouco segundo o seu domínio com que reinou, porque o seu reino será arrancado, e passará a outros que não eles. “ (Dan. 11:4)

Alexandre o grande morreu em junho de 323 a.C, aos 32 anos, seu irmão Filipe era retardado, e o único filho nascido depois de sua morte foi assassinado. Seu reino foi tomado por quatro de seus generais: Ptolomeu, Seleuco, Cassandro e Lisímaco.

“O rei do Sul se tornará forte, mas um dos seus príncipes se tornará ainda mais forte que ele e governará o seu próprio reino com grande poder” (Daniel 11:5,6).

Depois de alguns anos, eles se tornarão aliados. A filha do rei do Sul fará um tratado com o rei do Norte, mas ela não manterá o seu poder, tampouco ele conservará o dele. Naqueles dias ela será entregue à morte, com sua escolta real e com seu pai e com aquele que a apoiou”.

De acordo à história Ptolomeu dominou o Egito, o reino do Sul que representa o ateísmo. Inclusive Ptolomeu II e o rei Antíoco II, tentaram estabelecer paz entre seus respectivos países através de um casamento. Antíoco II deveria se casar com Berenice, filha de Ptolomeu II, mas teve que se divorciar de sua esposa Laodice. Esta tentativa não deu certo. Depois que seu sogro, o rei Ptolomeu morreu, ele se divor-

ciou de Berenice e voltou para sua mulher, Laodice. Laodice por sua parte envenenou Berenice e seu filho, garantindo desta maneira cruel, que seu filho Seleuco II subisse ao trono da Síria.

Vimos até aqui que a profecia de Daniel 11 começa com a descrição dos reis persas e continua com Alexandre, o Grande. Na sequência o esboço profético muda para os Ptolomeu e Selêucidas, generais de Alexandre que se desenvolveram a partir da desintegração do Império.

A Babilônia, representada pelo Reino do Norte, simboliza a falsa religião ou a falsa adoração.

III. O REINADO DE ROMA (DAN. 11:21, 22, 28, 31, 33, 36)

Daniel 10, 11,12 apresentam um alargamento progressivo dos temas tratados nas profecias anteriores, não mais a partir de babilônia, mas passa rapidamente pelo declínio e queda do Império Medo-Persa, Ascensão e queda do império Grego. Seguidamente o livro foca sua atenção sobre Roma Pagã e Roma papal, representada pelas pernas e pés da estatua do capítulo 2, pelo animal “terrível e espantoso” de Daniel capítulo 7 e o Chifre pequeno dos capítulos 7 e 8.

“Seu sucessor enviará um cobrador de impostos para manter o esplendor real. Contudo, em poucos anos ele será destruído, sem necessidade de ira nem de combate” (Dan 11:20).

Qual foi a nação que surgiu depois da Medo-Pérsia e Grécia, cujo rei era cobrador de impostos? Cesar Augusto, imperador Romano.

“Ele será sucedido por um ser desprezível, a quem não tinha sido dada a honra da realeza. Este invadirá o rei-

no quando o povo se sentir seguro e se apoderará do reino por meio de intrigas” (Daniel 11:21).

Depois da Morte de Cesar Augusto quem o sucedeu no cargo foi Tibério Cesar. A profecia esta falando aqui acerca de um poder político que se oporia ao governo de Deus.

“Então um exército avassalador será arrasado diante dele; tanto o exército como um príncipe da aliança serão destruídos” (Daniel 11:22).

O termo príncipe, “Nagib” em hebraico, aparece mencionado no capítulo 9 de Daniel e se refere unicamente a Jesus como aquele que faria uma firme aliança com muitos e seria morto “quebrantado ou destruído”. Tanto a morte de Cristo como a destruição de Jerusalém aconteceram debaixo do Império Romano. Mais uma prova que a Bíblia esta descrevendo a história.

“Suas forças armadas se levantarão para profanar a fortaleza e o templo, acabarão com o sacrifício diário e colocarão no templo o sacrilégio terrível” (Daniel 11:31).

O vers. 31 descreve as ações do poder apóstata, que é o antecessor imediato (“aqueles que deixam a santa aliança”) vers. 31 começa anunciando “e tropas dele se levantarão”, ele é o governante de Roma que já não é mais o imperador, mas o Papa. As tropas aqui mencionadas se referem às de Clóvis I, rei dos francos (481-511) e Justiniano I, imperador do Leste de Roma (527-565), que apoiaram o papado.

Estas tropas “profanaram o santuário, a fortaleza, tiraram o contínuo e colocaram a abominação da desolação”. O santuário terrestre já não existia no Séc. V e, embora ele estivesse vigente desde a morte do Messias, não tinha mais valor (Dan. 11.22), pois já se haviam encerrado os serviços do santuário terrenal (Dan. 9.27; Mat.27: 50-51) e o Messias

ressuscitado havia inaugurado o santuário Celestial (Dan. 9.24; Heb. 8.1-2), de modo que o santuário profanado por estas tropas é o céu, onde Cristo intercede pelo seu povo. “A fortaleza” é o Monte Sião e o santuário ocupa o lugar de refúgio dos santos (Hebreus 12.18, 22-24; Apoc. 14.1). Retirar o “contínuo” se refere a suplantar o ministério sacerdotal contínuo de Cristo, por um agente humano na terra, o papa.”

IV. O QUE MAIS FARIA ESTE PODER?

“Com lisonjas corromperá aqueles que tiverem violado a aliança, mas o povo que conhece o seu Deus resistirá com firmeza” (Daniel 11:32).

Este poder corromperia e compraria os governantes que estivessem dispostos a violar a lei de Deus por meio de leis civis. Ou seja, a todos aqueles que violassem a Aliança do Senhor escrita na sua palavra.

Clóvis é o primeiro rei alemão convertido ao catolicismo em 496, ele foi a partir desse momento, o protetor da Igreja, em 507 suas tropas conquistaram os visigodos arianos em 508 e entregou uma coroa de ouro ao Papa, rendendo a vitória ao bispo de Roma. Nesse momento se começa a contar os 1.290 e 1.335 dias da profecia (Dan. 12.11-12).

“O código [de Justiniano] tornou-se o fundamento da jurisprudência de todos os estados da cristandade. Nenhum código de lei terrestre era mais abrangente ou permanente e se manteve como base do direito civil e eclesiástico da Europa, até que na Revolução Francesa foi interrompido e substituído com o Código de Napoleão”. Estes eventos deram começo com o período de supremacia papal (538-1798, Dan. 7.25; 12.7), período descrito nos versos seguintes.

Que faria este poder com àqueles que permanecessem fieis à aliança (Lei de Deus)?

“Aqueles que são sábios instruirão a muitos, mas por certo período cairão à espada e serão queimados, capturados e saqueados” (Daniel 11:33).

Aqui estão todos os fieis cristãos da aliança feita com o sangue do Messias, os valdenses, os albigenses, e outros grupos cristãos que preferiram o exílio ou a morte a aceitar apostasia de um “evangelho” centrado no homem.

Dentre esses sábios existiam muitos monges, freiras e frades que desde dentro da Igreja Romana se opuseram aos enganos e trabalharam pelo reino dos céus. Infelizmente “por alguns dias cairão pela espada e pelo fogo, em cativeiro e despojo”, representados aqui pelos “1260 dias” ou 3,5 tempos de Dan. 7.25, durante o período da Inquisição e as Cruzadas.

CONCLUSÃO

Neste capítulo, um dos mais difíceis da Bíblia encontramos os poderes do mal lutando contra o reino de Deus. Satanás usa agora reis, reinos, impérios para executar seus planos de acorrentar o ser humano e desvirtuar a adoração ao Criador e sua palavra.

Mas todas as tentativas são em vão. Cristo finalmente vencerá.

Conforme diz:

“Mas informações provenientes do Leste e do Norte o deixarão alarmado, e irado partirá para destruir e aniquilar muito povo.

Armará suas tendas reais entre os mares, no belo e santo Monte. No entanto, ele chegará ao seu fim, e ninguém o socorrerá. "Daniel 11:44,45.

A Bíblia garante que Jesus se levantará, Miguel o Grande príncipe Virá a libertar a seus filhos. A volta de Jesus é o clímax da redenção de todas as eras e de todos os tempos.

O mais importante é que hoje você pode aceitar esse Rei maravilhoso em sua vida e começar desde agora a viver o seu reino.

Não desista, nem pense que tudo está perdido quando ver as forças do mal se arregimentando, pois Deus sempre cumpre seus propósitos e ele é soberano neste vasto universo.

Gostaria de aceitar o convite para aceitar a Cristo como seu salvador, caminhar com ele até quando ele voltar para lhe buscar ?

DANIEL: O VITORIOSO

DANIEL 12

INTRODUÇÃO

Como vimos nas mensagens anteriores, Daniel tinha atributos incomparáveis, que fez desse exilado judeu um grande estadista e por alguns momentos um profeta dos últimos dias. Sua vida pode, pela graça de Deus, ser resumida em uma palavra: vitoriosa. Na última parte desse livro fantástico temos o deslumbre dos últimos dias onde a vitória definitiva é alcançada por Deus para seus filhos.

Quando Cristo finalizar sua obra de intercessão no santuário celestial, o Espírito Santo será retirado da terra. Nesse momento haverá uma grande angústia do povo de Deus, pois os poderes do mal se ajuntarão na tentativa de destruí-los. Mas Deus dará a vitória para os fiéis. Esse é o tema principal do capítulo doze do livro de Daniel: a grande vitória de Deus contra o mal, a morte e o enganador.

Esse capítulo desvenda muitos acontecimentos importantes dos últimos dias antes da volta de Jesus. Além do tempo de angústia que acometerá o povo de Deus, as res-

surreições e ainda algumas profecias onde algumas datas e períodos de tempo são revelados. Esse é um capítulo rico em profecias temporais, onde datas são estabelecidas ou reforçadas e alguns parâmetros na linha do tempo profético são marcados.

I. TEMPO DE ANGÚSTIA

Pouco tempo antes da volta de Jesus, quando Sua mediação no santuário celestial cessar e o Espírito Santo for retirado dos homens, os poderes do mal, até então contidos, cairão com indescritível fúria sobre o mundo.

Satanás e seus anjos têm, nesse tempo, domínio completo sobre os impenitentes. “Desabrigados da graça divina, não têm proteção contra o maligno. Satanás mergulhará então os habitantes da Terra em uma grande angústia final. Ao cessarem os anjos de Deus de conter os ventos impetuosos das paixões humanas, ficarão às soltas todos os elementos de contenda. O mundo inteiro se envolverá em ruína mais terrível do que a que sobreveio à Jerusalém na antiguidade” (E. G. White, Grande Conflito, p. 614).

Para os ímpios esse tempo será em vez de angústia o castigo por suas maldades através das pragas do Apocalipse, (Ver Apocalipse 16) onde eles sofrerão por todas maldades cometidas e que passaram aparentemente impunes.

Essa angústia que virá sobre as nações revela como o pecado é destruidor e sem a intercessão de Cristo somos merecedores da morte eterna. Mas a graça e misericórdia divina é o que nos dá esperança, e essa angústia logo se tornará em vitória.

Hoje vivemos alguns momentos de desânimo e tristeza. Algumas vezes por consequências dos pecados alheios, mas

a maioria como fruto de nossas próprias decisões e pecados. Nesses momentos devemos nos apegar em oração a Deus, clamar por perdão e nunca desistir de lutar, usando nosso livre arbítrio, contra o pecado.

II. RESSURREIÇÕES

No segundo verso desse capítulo Daniel descreve algumas ressurreições especiais, de “uns para a vida eterna” e de “outros para vergonha e horror eterno”. Não é a primeira ressurreição, que se dará por ocasião da segunda vinda de Cristo (1Ts 4:16), na qual participam apenas os justos (Apocalipse 20:6), nem ainda a segunda, por ocasião do fim do milênio, na qual participam apenas os ímpios (Apocalipse 20:5).

Trata-se, portanto, de uma ressurreição parcial e especial, a ocorrer após o “tempo de angústia, qual nunca houve” (Daniel 12:1), um pouco antes do fim e da segunda vinda de Cristo. Nessa ressurreição especial, justos e ímpios são ressuscitados ao mesmo tempo, “uns para a vida eterna, e outros para vergonha e horror eterno”.

O primeiro grupo são os que mataram a Jesus. “Eis que ele vem com as nuvens, e todo olho o verá, até mesmo aqueles que o traspassaram; e todos os povos da terra se lamentarão por causa dele”. Apocalipse 1:7.

“Tu mesmo o disseste”, respondeu Jesus. “Mas eu digo a todos vós: chegará o dia em que vereis o Filho do homem assentado à direita do Poderoso e vindo sobre as nuvens do céu”. Mateus 26:64

Todos aqueles que participaram ativamente da morte de Cristo ressuscitarão antes da volta de Jesus. Depois morrerão novamente e ressuscitarão após o milênio. Curioso é que esses morrerão em ocasiões diferentes até o juízo final e definitivo.

O outro grupo são os que ressuscitam para vida eterna. Daniel 12:2 menciona um outro grupo que participará da ressurreição especial, os que ressuscitarão na mesma ocasião dos que mataram a Jesus, mas não para serem envergonhados, mas para testemunharem a volta de Jesus como prêmio da sua fidelidade. São os justos que morrerão na esperança da iminente volta de Cristo, e foram obedientes como foi descrito pelo terceiro anjo de Apocalipse 14:12: “Aqui está a perseverança dos santos que obedecem aos mandamentos de Deus e permanecem fiéis a Jesus”.

Sobre esse assunto temos uma mensagem inspirada: “Abrem-se sepulturas, e ‘muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, e outros para vergonha e horror eterno’ (Dn 12:2). Todos os que morreram na fé da mensagem do terceiro anjo saem do túmulo glorificados para ouvirem o concerto de paz, estabelecido por Deus com os que guardaram a Sua lei. ‘Os mesmos que o traspassaram (Ap 1:7), os que zombaram e escarneceram da agonia de Cristo, e os mais obstinados inimigos de Sua verdade e povo, ressuscitam para contemplá-lo em Sua glória, e ver a honra concedida aos fiéis e obedientes” (E. G. White, Grande Conflito, p. 637).

Mais importante do que saber com detalhes quem são esses que vão ressuscitar de forma especial antes da volta de Cristo, é estarmos preparados para essa ocasião. A segunda vinda do Salvador também significa vitória. Vitória sobre o pecado e maldade, vitória contra os inimigos de Deus e seu grande acusador.

Hoje é tempo de pregar essa grande verdade aos nossos vizinhos, amigos e colegas de trabalho e escola: a gloriosa volta de Cristo nas nuvens do céu, de forma literal para trazer a vitória.

III. PROFECIAS ESPECIAIS

Esse capítulo contém duas profecias com marcação de tempo inéditas e exclusivas em toda a Bíblia:

“A partir do momento em que for abolido o sacrifício diário e for colocado o sacrilégio terrível, haverá mil e duzentos e noventa dias. Feliz aquele que esperar e alcançar o fim dos mil trezentos e trinta e cinco dias”. Daniel 12:11 e 12.

Os mil duzentos e noventa dias e mil trezentos e trinta e cinco dias começaram no ano de 508, quando houve a derrota dos Visigodos (povo resistente à Igreja Romana). Essa data marca o início do poder da Igreja Romana no aspecto doutrinário.

A primeira profecia termina em 1798 com a prisão do Papa Pio VI. O poder doutrinário da Igreja Romana que começou em 508 é quebrado. Um pouco mais de tempo, terminando a contagem da segunda profecia, chegamos ao ano de 1844, que marca o início da purificação do Santuário Celestial, ou seja, o perdão de Jesus aos fiéis é consumado.

Essas profecias especiais enfatizam mais uma vez a vitória dos fiéis, agora com algumas datas estabelecidas como marcadores históricos que confirmam que Deus está guiando a história desse mundo para o grande clímax, onde o plano da redenção será consumado.

CONCLUSÃO

O livro de Daniel é a chave para entender o Apocalipse. Aprendemos através do livro de Daniel que Deus é soberano na história e conduz nações, reinos e poderes, e em breve Jesus voltará para implementar Seu reino eterno.

Você está preparado para encontrar com Jesus? Se você morresse hoje, estaria certo que quando Jesus voltasse ressuscitaria para vida eterna?

Eclesiastes 12:13 e 14 tem uma declaração importantíssima:

“De tudo o que se tem ouvido, a suma é: Teme a Deus e guarda os seus mandamentos; porque isto é o dever de todo homem. Porque Deus há de trazer a juízo todas as obras, até as que estão escondidas, quer sejam boas, quer sejam más”.

Daniel foi um porta voz de Deus para anunciar a vitória do bem contra o mal no grande conflito cósmico. Você também é chamado para ser um arauto da vitória, alguém que vive, espera e anuncia a volta de Jesus.

